

Estática

Olavo Amaral

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO

CONSELHO EDITORIAL DO IEL

ABRÃO SLAVUTZKY, ALDYR G. SCHLEE, CHARLES KIEFER,
CLÁUDIO MORENO, ENÉAS DE SOUZA, FABRÍCIO CARPINEJAR,
JANE TUTIKIAN, LÉLIA ALMEIDA, LUÍS AUGUSTO FISCHER,
LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL, LUIZ OSVALDO LEITE,
NÍDIA GUIMARÃES, SERGIO FARACO,
SERGIO DA COSTA FRANCO, TANIA RÖSING

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO
Rua André Puente, 318 CEP 90035-150 – Porto Alegre – RS
Fone (51) 3311.7311/3311.7299
e-mail iel@via-rs.net

coleção
2000

Estática

Olavo Amaral

© 2006, Olavo Amaral

Coordenação editorial e revisão

Elisa Henkin

Susana Dantas Guindani

Editoração

Adriana Condessa Ferreira

Assessoria técnica

Denise Paz Gomes da Silva

Planejamento gráfico e capa

Marco Cena

ISBN 85-7063-298-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

O42e Olavo, Amaral

Estática / Amaral Olavo. — Porto Alegre : Instituto
Estadual do Livro, 2006.

134 p. — (Coleção 2000 – Caixa RS)

1. Literatura brasileira - contos. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-34

Bibliotecária responsável: Grazieli de Andrade Pozo CRB10/1552

*pra minha família,
pra Vanessa e
pro infinito que fica pra trás*

Sumário

Fantasia / 9
Magnetos / 15
Branquinhas / 23
Cumulus nimbus / 31
Dias de antes da enchente / 39
Um pouco de sorte / 53
Minutos contados / 61
Epicentro / 67
Câmara escura / 77
Pequenas aranhas não sabem voar / 89
Age of Aquarius / 93
Carrion / 111
Lapso / 117
A porta do quarto / 125
Semidesperto / 129



Fantasia

Para Walt Disney

Eu estou distraído ao lado do caldeirão do feiticeiro cortando crisântemos brancos e intestinos de pequenos mamíferos quando ela aparece atrás da porta. Faço de conta que nem noto a princípio, seria singular que uma *mulher* chegasse até esse nível do castelo, normalmente os visitantes não passam da sala de estar, e tenho certeza de ter revisado as armadilhas uma por uma no mês passado. Deve ser apenas mais uma dessas coisas inexistentes que eu enxergo de vez em quando, já ando quase acostumado, coisas de quem trabalha com um feiticeiro, entende? Não, não parece, pois o sussurro chega ao meu ouvido do mesmo jeito, *psss....*, vem aqui!, eu digo que não, meneio a cabeça preocupado, tenho que ajudar Mestre, não enxerga, porra? Se ela acha que é fácil cortar o mesentério de um guaxinim, por acaso, então que espere até que o cheiro se aproxime, ouviu bem? Não, de nada adianta, *psss* de novo, e de novo, e eu não posso deixar de notar que ela não usa capa ou túnica, que nada porta sobre os ombros exceto uma pele, de arminho eu acho, ou talvez lontra, que envolve seu pescoço e se enreda em seus

cabelos negros. E na outra metade do corpo, a de baixo, a faixa que pende da cintura esguia quase cai, como se quisesse por força revelar-se rompendo o nó que não parece disposto a suportá-la por muito tempo. Não, não devo olhar mais, mas a dúvida abala minha confiança: seria arminho ou lontra?, afinal minha mãe era comerciante de peles, por isso mesmo é que consegui trabalhar com Mestre, seria uma grave lacuna não ser capaz de discernir, e dilacerado pela curiosidade eu olho uma vez mais, digo pra mim mesmo que vai ser só uma, mas vejo que a mão dela escorrega por baixo da faixa, passa rente à raiz da coxa em direção ao centro. E então sinto a picada no dedo e a ardência vem fundo, dói pra caralho, eu disse que não podia me distrair, droga, e mostro o dedo pra ela com ar de quem diz viu o sangue esguichando, ó? Mas de nada adianta, a essa altura a pele de arminho já escorrega por entre os seios, e ela faz questão de afastar a faixa com a outra mão e... Não não não eu não posso ver essas coisas entende? eu sou um aprendiz de feiticeiro e o guaxinim, o guaxinim, uh... Mas ela já tem o dedo lá no fundo, eu fecho os olhos pra tentar evitar mas é como se o dedo já fosse meu, a umidade continua ali no indicador e de olhos fechados ninguém vai me provar que realmente é sangue, eu tento abri-los pra dizer que é mas sinto que começo a lacrimejar, devo ter perfurado a merda do cólon transverso, ou isso é o cheiro de algo mais, a pele do guaxinim me envolve e eu sinto os pêlos roçando a minha boca e... Não, a culpa é dela, eu sinto a mão dela, entre quais pernas, já?, e tentar fechar os olhos de novo só serve pra que eu enxergue melhor, e pra que ela comece a falar coisas que eu não ousaria dizer nem pra mim mesmo,

como poderia estar tão perto do ouvido assim? Resta-me pouca opção, se as circunstâncias fossem outras quaisquer Mestre me protegeria mas não durante a cristalização das nuvens de ósmio, as bases alquímicas da reação são complexas e ele tem sua atenção toda voltada para o caldeirão, olho pra ele uma última vez como se pedisse ajuda mas seus olhos estão semicerrados num transe, terei de lidar com isso eu mesmo, mas faz tanto tempo que eu não... Mas não há mais tempo, as palavras transformam-se em língua em minha orelha e não me resta alternativa senão pegar o machado. Largo o guaxinim que cai ao solo com um guincho e vou apanhar o instrumento no canto da sala, no lugar onde ficavam as vassouras, a troca foi mesmo providencial, Mestre teria ficado orgulhoso de mim. E então ponho as duas mãos no cabo ainda de olhos fechados e com um violento esforço giratório o meu corpo corta o dela em dois pedaços, tchau putinha, se tivesse que adivinhar o ponto exato diria que foi um pouco acima do umbigo, talvez no nível da décima vértebra torácica. Abro os olhos confiante e meu orgulho cresce ao ver a poça de sangue no chão, respiro fundo e olho pra Mestre que continua em transe, ótimo, menos incomodação no fim das contas, só o que falta mesmo é pegar as vassouras pra limpar o chão, aliás talvez não tenha sido uma idéia tão boa assim trocá-las de lugar, mas é que eu tinha pesadelos com elas de vez em quando, sabe? E enquanto me pergunto onde posso ter deixado o extrato de anêmona e os cristais de lápis-lázuli para o encantamento de purificação quase não percebo que as duas metades do corpo começam a ganhar braços cabeça pernas e quando tomo consciência da cena ela já é por

demais grotesca pra que eu possa intervir ou descrevê-la em palavras, não é um corpo que se contorce à minha frente mas dois, o rosto aquilino de cabelos castanhos da mulher agora se apóia em pernas fortes e quadris mais largos, enquanto que as pernas esguias de antes sustentam um busto de seios menores e cabelos ruivos, e logo as duas estão em pé, trocam olhares lascivos sem repararem na minha presença, e como que hipnotizadas começam a abraçar-se e trocar carícias, o que faz com que por um instante uma esperança ainda passe de raspão pela minha cabeça: estaria eu a salvo, quem sabe? Mas não, a trégua dura pouco, após cravar as unhas nas costas da morena a ruiva me enxerga e ri com um rugido suave, ou talvez um ronronar. E então as duas olham pra mim e se aproximam, os quatro braços tentam agarrar-me pela cintura e eu resisto, claro, não sou aprendiz de feiticeiro por acaso, mas em meu íntimo começo a sentir que acabou, caldeirão e crisântemos e guaxinim e tudo. Ainda faço o que posso, é bem verdade, passo o machado nas duas com um corte no pescoço da ruiva e outro nos seios fartos da morena, conquistando assim um breve interlúdio em que respiro três vezes e escuto Mestre murmurar qualquer coisa em aramaico, queria que ele acordasse, queria tanto que ele acordasse. Mas não, o transe já é demasiado profundo, como convém ao encantamento das nuvens de ósmio, e após lançar um último olhar para o caldeirão num apelo sem resposta eu me volto para a poça de sangue e vejo que nela rastejam quatro corpos semiformados num espetáculo ainda mais grotesco do que o anterior. Apanho de novo o machado de qualquer maneira porque é o que posso fazer, tentarei lutar, se é o

que me resta, mas sei bem que as cortarei em oito, dezesseis e trinta e dois pedaços apenas para que venham as sessenta e quatro e as cento e vinte e oito e que no fim das contas não vai haver mais lâmina ou metal que possa conter a massa de braços e pernas e unhas me arranhando e mordendo e rasgando, nem grunhido de guaxinim ou aramaico que possa abafar a balbúrdia dos gritos e gemidos, nem solvente universal que possa desfazer a confusão de seios e coxas e bocas sem dono. E quando nem machado nem vassoura nem mestre me adiantarem de nada, então sim eu poderei finalmente deixar de interpretar esse ridículo papel de aprendiz de feiticeiro e colapsar exausto e desacordado em meio ao caos pra esquecer-me de mim mesmo e me tornar a humanidade.



Magnetos

Mamãe, mamãe! Não deixe que Jonas venha aqui em casa novamente! Seus magnetos vão estragar meu trompete!

(Calvin Ambler, Jonas, ou Um breviário do desgosto)

Nunca aprendi a tocar o trompete, e não pretendo começar a fazê-lo tão cedo: julgo as maçãs do meu rosto demasiado débeis para suportar a pressão, e o som do instrumento muito estridente para meus ouvidos. Mas sempre me senti feliz em saber que carregava preso às costas um instrumento de timbre tão nobre. Lastimo apenas o fato não ter compreendido senão aos cinco ou seis anos que se tratava de um trompete, tendo me restado assim pouco mais de três anos antes que o mesmo viesse a transformar-se em maçaneta, depois em pé-de-cabra, e por fim em colimador de raios-x, forma esta que, por ser demasiado pesada, limitou em muito meu movimento por três longos anos.

Há alguns dias, todavia, após um breve interlúdio em que estive atrelado a um tubo de oxigênio, percebo com grande excitação que a forma do trompete começa a surgir novamente por detrás de meu dorso. Por enquanto

escuto uma vaga impressão de melodia apenas, mas permaneço atento às notas como se fossem uma anunciação. Tenho revirado composições de Dizzy e os primeiros discos de Miles, mas não consigo pregar a vaga impressão de bebop contra a parede com um alfinete preciso que me revele sua origem. Mas isso pouco importa, pois já tenho a certeza de que o tubo de oxigênio não deve mesmo perdurar por muito tempo. Até porque, com a válvula de escape danificada e o gás vital esvaindo-se rapidamente, pouca utilidade restaria ao meu dorso (que nem sequer enxergo) se não fosse a esperança viva de que meu corpo retorne à música, quiçá seu estado original.

Tenho de confessar que me recordo muito pouco da época do trompete. Conheço-a melhor pelas lembranças de minha mãe, mas desde o último acidente ela parece perdê-las aos poucos também. Não posso dizer, portanto, se fui uma criança afinada, já que as mães não costumam ser confiáveis nesse sentido. Recordo-me perfeitamente, no entanto, da tarde ensolarada em que, fascinado, consultava um dos quinze volumes da *Enciclopédia Maravilhosa da Infância*, lendo em voz alta um trecho que ainda hoje sei de cor:

...os grandes magnetos, por sua proximidade, distorcem [o som] dos clarinetes, saxofones, trompetes e outros instrumentos de sopro, e em caso de grande proximidade podem levar à fragmentação completa do metal, devendo ser evitados nos casos de porte de um desses instrumentos. É possível também que [no futuro], os aparelhos de ressonância magnética nuclear produzam efeito semelhante...

Tal recordação não me é inócua: mesmo que mal conheça o som de meu próprio trompete, isso não me impede de carregar comigo desde a infância o medo dos grandes magnetos. Meus encontros com tais objetos foram poucos; ainda assim, me é impossível sair à rua sem ao menos considerar a possibilidade de que um deles venha a ocorrer. Pelo menos uma vez, num estaleiro abandonado do antigo porto de Tânger, julguei que meus dias estavam contados ao divisar um imenso ímã em meio a uma pilha de cascos destroçados. O colimador já havia substituído há muito o trompete, é bem verdade, mas não tenho motivos para pensar que a fragmentação não teria ocorrido da mesma maneira. E, pouco tempo depois de ter escapado, juro ter conhecido num hospital de Rotterdam um homem de feições severamente deformadas, cujo rosto teria sido arrancado pela pulseira de seu próprio relógio, *impulsionada através do ar pelo aparelho de ressonância magnética*.

Somente quando os magnetos chegaram à minha casa, no entanto, é que tive certeza de que estava próximo do fim. Minha mãe tinha grande necessidade deles, argumentavam os supostos especialistas. Vá lá, talvez tivessem alguma razão. Mas mesmo o Dr. Sassun admitiu, ao deixar a casa, que o aparelho de ressonância instalado no quarto só seria capaz de monitorar o avanço da doença, e que o benefício do tratamento seria na melhor das hipóteses transitório. Bem que gostaria de ter argumentado naquele momento que não, que tal aparelho representava uma ameaça grande demais, mas me senti culpado como sempre em relação a minha mãe e, calado, permiti que o aparelho ficasse. Não dormi durante as três

primeiras noites, contentando-me em deixar as suas refeições na porta do quarto e refugiar-me correndo atrás da estante de chumbo da sala. De lá, observava o aparelho de longe e comia meu prato em silêncio, enquanto folheava desatento os três volumes dos mandamentos de Maimônides. E apenas no quarto dia descobri, em frente ao espelho do banheiro, que o colimador (cujo peso e formato já começavam a deformar-me a musculatura abaixo das omoplatas) começava a dar sinais de transformar-se em um tubo de oxigênio. E como isso não poderia ser outra coisa senão obra do aparelho que repousava no quarto ao lado, começou a estabelecer-se aos poucos entre nós dois um convívio pacífico, que com o tempo foi se transformando em legítima amizade, permitindo que eu adormecesse ao lado dele e de minha mãe ao longo de inúmeras noites.

Mas isso foi durante a época do tubo, com seu formato amigável e seu conteúdo revigorante, que neste momento se esvai rapidamente. E temo que com o esgotar do suprimento e o conseqüente advento do trompete tudo mude: é muito mais fácil, afinal, deformar e fragmentar um instrumento musical do que um simples cilindro metálico. Além disso, a questão da afinação figura com igual importância em minha mente, nas caprichosas listas de preocupações que prego todas as manhãs contra a porta do armário. E já não sei como lidar com tudo isso, pois a ameaça representada pelos magnetos é grande demais para que um enfrentamento aberto seja possível. Já imaginei dezenas de cenários em que teria alguma chance de surpreendê-los, mas em todos eles minha mãe entra subitamente pela porta e seu semblante me paralisa,

abrindo espaço para que se inicie o processo que eventualmente levará à fragmentação. Temo também pela sua saúde, sabendo bem que não pode mais prescindir do aparelho de ressonância; ademais, os sons desafinados que fatalmente resultarão de meu contato com o aparelho poderão piorar ainda mais seu estado, como já nos advertiu eloqüentemente o Dr. Sassun ao convencer-nos a desligar permanentemente os auto-falantes da televisão.

E é por isso que não me resta outra opção senão fugir. Tenho pesado a decisão com cuidado, e creio que não há outra saída. Minha mãe ficará triste, é verdade, mas o aparelho cuidará bem dela, e o Dr. Sassun a visitará uma vez por mês, como tem feito de praxe nos últimos quatro anos. Espero que tal intervalo se mostre suficiente para que a alimentação ocorra de forma adequada, já que os movimentos de seu corpo enfermo se tornam mais e mais raros. Quanto a mim, viajarei de noite, pois creio que é mais seguro: já tenho idade para saber evitar o perigo, e não tenho mais tanto medo dos espaços abertos, nem tampouco do futuro. Preocupa-me apenas a iminência ameaçadora da decisão, que terá de ser feita em breve, já que o som do trompete se ouve cada vez mais nítido atrás de mim, e as tentativas de negá-lo tornam-se dia-a-dia mais fúteis. No momento mesmo em que escrevo alguém no andar de baixo assobia um trecho de “Autumn Leaves”, e sei que a hora de partir é chegada.

(...)

Com minha mãe já adormecida, procedo ao ritual diário de auto-exame. Palpo minhas costas com

dificuldade, sem encontrar mais sinal do tubo de oxigênio. Tampouco consigo sentir ainda as chaves do trompete com precisão, mas o pequeno labirinto de canais capaz de transmutar o ar em música torna-se dia-a-dia mais palpável. A hora é chegada, e não há mais tempo para meios-termos.

Às três e meia da manhã, na hora precisa em que o aparelho se desliga automaticamente para efetuar a automanutenção, apanho a trouxa de roupas escondida no armário e piso com cuidado o tapete em frente à porta, certificando-me de que ninguém me observa. Recuso-me um último adeus a minha mãe, e isso me causa certa vergonha, que procuro disfarçar reproduzindo mentalmente um concerto de Mozart. Não compreendo, todavia, o motivo de minha perturbação; afinal, parece-me nítido que qualquer um em meu lugar concordaria que não há escolha possível.

O ar noturno e o *rondo-allegro* logo renovam meu ânimo, no entanto, e apagam a culpa de meu espírito. A estrada ainda se encontra macia das chuvas de anteontem, e caminho a passos mais rápidos do que de costume. Sempre senti prazer em viajar à noite, quando tenho a certeza de que ninguém me acompanha e de que as circunstâncias me são favoráveis. As incipientes notas do trompete já soam mais suaves do que de hábito – Chet Baker tocando “Round Midnight”, quem sabe? – e ao passar a mão sobre as costas começo a sentir as delicadas curvas do instrumento se acomodando no metal ainda quente e não tão rígido.

E chego a pensar comigo mesmo que por fim reencontro a liberdade, que o retorno do trompete da

primeira infância me permitirá retomar o caminho e reaproximar-me aos poucos de mim. Apresso o passo, excitado, num frenesi de quem espera grandes eventos pela frente. E é justamente nessa hora que desponta no horizonte uma mancha escura, que nada mais pode ser além da inconfundível sombra de um grande magneto sob a lua cheia.



Branquinhas

– É uma barbada, eu tô dizendo. Um bando de meninas branquinhas que não saem de casa, presas num mundinho só delas. O lugar chega a cheirar a mulher. E é só chamar que elas vêm, eu garanto. Louquinhas que devem estar por um pouco de emoção. De sexo então nem se fala...

O Ruivo falava rápido, comendo as sílabas como costumava fazer quando estava excitado. Disse que o plano era infalível, que não tinha como dar errado. Os gêmeos logo aderiram à idéia, óbvio, carentes que andavam de mulher. E, a julgar pelo que o Ruivo contava, o convite à orgia fácil parecia mesmo irrecusável.

Samuel tinha dúvidas, no entanto. Não que se importasse em arranjar alguém pra trepar, naturalmente. Mas tinha medo de entrar no mundo das branquinhas, e não tinha certeza do direito que tinham de se intrometer em vidas tão diferentes das suas. Além disso, vai que acabassem presos lá dentro, e tivessem que passar o resto da vida olhando pra uma delas e pras suas irmãs, se atrolhando de comida e pensando bobagem? Não, de maneira alguma. Ele valorizava sua liberdade, e isso valia mais do que qualquer mulher.

Mas às vezes não era o suficiente pra escapar da vontade dos amigos. Particularmente da do Ruivo, cuja opinião Samuel tinha uma dificuldade enorme de contrariar. E, vencido por três contra um, não teve muita escolha senão ir junto.

(...)

Nina costumava olhar por entre as grades com ar sonhador. Sempre ouvira da mãe e das irmãs que não tinha razão pra querer mais do que já possuía. Que os outros lá fora não tinham os mesmos brinquedos, que a vida na rua era dura e a comida era escassa. Pra não falar na sujeira. Mas elas sempre soavam como se estivessem se esforçando pra arranjar consolo. Por certo, comida à vontade tinham: suas irmãs, avessas aos exercícios, já andavam obesas sem nem ter saído da adolescência. Mas seria possível que a vida fosse mesmo só aquilo?

E o pior de tudo era saber que as coisas só mudariam quando a fatalidade se abatesse sobre ela. Tinha visto acontecer com os vizinhos e estava consciente de que seria seu destino também; ainda assim, só o que sabia a respeito é que seria rápido quando acontecesse. Do que viria depois, não tinha certeza alguma. Bem verdade, tinha ouvido falar do que acontecia além das portas: alguns falavam em tortura, outros em prazeres inauditos. Mas até prova em contrário, parecia-lhe que seria apenas o fim. E Nina não conseguia sequer sentir que tivesse começado.

(...)

Samuel e os outros saíram quando o dia começou a raiar. Se tudo desse certo, iriam pegá-las quando elas estivessem indo dormir. Parecia fácil: o Ruivo alegava conhecer uma passagem que os levaria direto ao quarto das branquinhas. E não tem vigilância?, perguntaram os outros dois, medrosos como sempre. Nada, disse o Ruivo. O que não os eximia da responsabilidade de ficarem quietos.

A entrada da passagem era num capinzinho alto nos fundos do prédio, um pouco acima do meio-fio. Antes de entrar, Samuel teve um pressentimento ruim. Olhou em volta, viu a grama, o sol, o lixo, e achou que ia sentir saudades se não conseguisse sair. Por outro lado, se trouxesse uma mulher consigo, talvez o amor finalmente acontecesse, e ele poderia dar fim àquela rotina de vagar pelas ruas à noite, na vã tentativa de amansar sua carência.

Ao penetrar na passagem, já começava a sentir um pouco de vergonha de sua promiscuidade. Mas o instinto era forte, e ele tinha que aproveitá-lo enquanto era jovem, pois sabia bem que dali a alguns meses o desejo já não seria o mesmo. Mas que queria algo mais, ah queria. E talvez uma das branquinhas fosse o que ele precisava pra mudar de vida.

(...)

Nina não tinha perdido a esperança de algum dia ser resgatada. Suas irmãs não pensavam do mesmo jeito, e passavam o dia ocupando-se com sua higiene e perfumando-se à espera dos homens dos quartos vizinhos. Tentara argumentar com elas que era bobagem, que

aqueles rapazes brancos e limpinhos eram todos iguais e insípidos. Além disso, sabia que as chances de qualquer uma delas conseguir um macho eram pequenas, pois as escolhidas eram poucas, e a maior parte de suas vizinhas acabava morrendo solteira.

Também não tinha muita expectativa em relação ao ato sexual em si. Sabia alguma coisa a respeito pelos cochichos das irmãs, mas aquilo pouco a interessava, e ela preferia passar seu tempo olhando pela janela e imaginando outros mundos. De vez em quando corria na roda, brincava entre os cubos de plástico, enterrava-se na serragem. Mas logo se frustrava e voltava a sonhar, esperando o dia em que encontraria seu salvador.

(...)

– Grande barbada que tu nos arrumou, Ruivo.

Os gêmeos olhavam com ar irritado para o companheiro. À sua frente, a passagem terminava em uma queda brusca de quase dois metros. O Ruivo desculpava-se, dizendo que se eram maricas e não queriam pular que não tivessem vindo. Mas aquilo não contribuía em nada para animá-los.

Lá embaixo, porém, dezenas de branquinhas andavam placidamente em círculos, preparando-se para dormir. Vendo aquilo, Samuel sentiu que sua hora tinha chegado e pouco se importou com a altura. Enquanto os outros discutiam, adiantou-se em direção à beirada e, antes que eles reparassem, deu o último passo à frente e pulou. Na queda, entretanto, resvalou ruidosamente em uma grade metálica e perdeu o equilíbrio. Caiu de costas

no chão, meio atordoado, e quando levantou a confusão já tinha se estabelecido.

Olhou em volta assustado. Pelo menos dois dos quartos tinham se aberto com o impacto, e várias das mulheres corriam pelo chão. Vendo aquilo, os outros três não tardaram a descer: os gêmeos trocavam olhares lascivos, enquanto o Ruivo já ameaçava pular em cima das mais incautas. Samuel teve medo de que aquilo fosse descambar em mais uma orgia, e por um momento arrependeu-se. Mas então seu olhar encontrou-se com o de Nina, e seu coração bateu mais forte do que ele até então julgara possível.

(...)

Ela começava a adormecer quando foi acordada pelo estrondo. Levantou assustada, e vendo que a grade tinha se aberto foi até a borda e espiou. Lá embaixo, um rapaz cinzento se contorcia no chão. Seria o seu salvador? Podia ser que sim, mas antes que pudesse chamá-lo viu que mais homens se precipitavam sobre os quartos pelo buraco da parede. Meio desorientada, desatou a correr junto com as irmãs.

Pulou no chão e aterrisou de pé. Não sabia bem onde podia se refugiar, mas àquela altura segurança não era o que mais importava. Queria mesmo era alcançar o buraco e chegar ao outro lado da parede, ao mundo azul que se enxergava através da janela de ventilação. E talvez o rapaz cinzento que olhava pra ela soubesse como.

Alheia aos gritos ao seu redor, Nina fixou o olhar em Samuel, que logo percebeu e sinalizou a ela que o

seguisse. Antes que conseguisse dizer qualquer coisa, ela já corria atrás dele em direção a um canto pouco iluminado da sala, sem nem saber direito por quê. Chegando lá, parou pra descansar, ofegante. No escuro, sentiu que o corpo dele começava a esfregar-se contra o dela e estremeceu.

(...)

Lurdes chegou no laboratório mais cedo do que de costume naquele dia. Apanhou a vassoura, pegou a chave do ratário e foi logo trabalhar, pra ver se teria tempo de almoçar antes de ir pra casa de Dona Edite. Foi em direção ao final do corredor, planejando começar pela sala dos machos como sempre, mas ao passar pela porta das fêmeas ouviu um barulho e resolveu ver o que se passava.

Quando abriu a porta, viu duas ratas passarem correndo entre seus pés e ganharem o corredor. Soltou um grito agudo: dois anos trabalhando naquele laboratório não tinham neutralizado completamente seus instintos femininos. Mas logo recobrou a compostura e, sem pensar duas vezes, dirigiu-se até a sala onde ficava o material de limpeza. Armou-se rapidamente e em poucos segundos já estava de volta ao corredor, de vassoura em punho e decidida a enfrentar a situação.

Viu então que duas ratazanas cinzentas saíam pela porta atrás das ratas que tinham fugido. Contendo o segundo grito, aproximou-se e, sem nenhuma piedade – afinal, aqueles monstros só podiam ter saído do esgoto – esmagou um deles contra o piso, batendo repetidas vezes com a vassoura até o bicho parar de mexer-se. O outro

lhe escapou, e seguiu em disparada atrás das fêmeas sem olhar pra trás.

Esquecendo o fugitivo, Lurdes entrou na sala onde ficavam as fêmeas e fechou a porta, pra impedir que outros animais escapassem. Várias caixas tinham sido abertas, e as ratas brancas zanzavam histéricas pelo chão. No centro da sala, uma cena horripilante arrancou-lhe outro grito, desta vez mais discreto. Um imenso rato de esgoto, com um chumaço de pêlo castanho-avermelhado na cabeça, montava sobre uma rata indefesa, ao mesmo tempo em que segurava com os dentes uma outra fêmea, que tentava em vão desvencilhar-se. Bateu forte com a vassoura, mas o robusto bicho conseguiu escapar para um canto, escondendo-se sob as prateleiras repletas de caixas.

Lurdes foi atrás dele com raiva, mas perdeu-o de vista em meio à correria. Abaixando-se para procurá-lo, reparou no estranho emaranhado cinza e branco escondido contra o rodapé. Vendo os dois ratos entrelaçados, pensou em esquecê-los e ir atrás do rato vermelho primeiro, pois não ia conseguir matar a ratazana sem esmagar a ratinha branca junto. Mas então refletiu melhor, e preferiu aproveitar a oportunidade de uma vassourada fácil, até porque uma rata a mais ou a menos num laboratório daquele tamanho não ia fazer diferença mesmo.

(...)

Sob a prateleira, Samuel aproximou-se do corpo de Nina e percebeu que ela suspirava. Sentia-se excitado como há muito tempo não acontecia, e isso começava a

confundir sua cabeça. No momento em que chamara Nina para que o seguisse, tinha a firme intenção de escapar o mais rápido possível pela mesma passagem pela qual entrara. Tinha mesmo desenhado mentalmente um caminho através dos canos que lhe permitiria chegar até lá em cima em poucos minutos. Mas o toque daqueles pêlos brancos fazia com que qualquer plano de escape subitamente parecesse complicado demais.

Parou pra escutar o ruído à sua volta. Teve uma vaga impressão de ouvir gritos e barulhos estranhos se aproximando do outro lado da porta, e chegou a preocupar-se por instantes que algo pudesse ter dado errado. Mas os gemidos do Ruivo, que parecia divertir-se loucamente a poucos metros de distância, acabaram falando mais alto em sua cabeça. Não sabia como abordar a branquinha ao seu lado, mas a proximidade do deleite alheio lhe roubava qualquer prudência de que ainda pudesse dispor.

Sem dizer uma palavra sequer, Samuel apertou seu corpo contra o de Nina e acariciou-a com a pata dianteira, logo percebendo pelo cheiro que ela também não conseguiria conter-se por muito tempo. Um breve silêncio seguiu-se, e então os olhos de Nina se fecharam e uma expressão de delírio cobriu seu rosto. Mandando os escrúpulos às favas, Samuel cobriu-a com avidez. E de tão perdidos no próprio prazer, nenhum dos dois chegou a perceber a vassoura que se aproximava veloz para partir seus delicados crânios de roedor contra a parede.



Cumulus nimbus

– Posso apoiar o braço aqui? – me pergunta a mulher do lado.

Pode.

Ela deita o braço sobre a divisória dos assentos e ele roça no meu. Eu viro o rosto. Pela janela do outro lado do corredor se vê uns acúmulos de fofas farpas brancas sob as asas.

Tomo coragem e espio. Ela tem os olhos fixos na tela da cabine e não presta atenção nas nuvens. Examino o perfil contra a janela, nariz fino e uns lábios grandes. O vestido vermelho contrasta com o azul e branco lá fora. A mistura é bonita.

Algo toca o meu pé sob o assento. Eu olho e vejo que ela tira os sapatos. Primeiro o esquerdo, esticando os braços, e depois o direito, acariciando o tornozelo com o outro pé. Fecho os olhos. Vejo as nuvens, o céu, o vestido vermelho flutuando. Ela pedindo posso apoiar o braço aqui?

Respiro fundo e devo estremecer um pouco, ela nota e me olha. Viro o rosto depressa, mas não consigo disfarçar. Acabo levantando a cabeça e olhando pra ela, meio patético. Ela sorri. Perdoa. Eu acho que chego a sorrir de volta. Pela janela, já não se enxerga o chão.

Ela leva a mão ao bolso. Tira uma barra dessas de cereal, coisa de mulher. Depois apanha outra. Estende o braço na minha direção, quer? Eu pego meio mecanicamente, sorrio e até esqueço de agradecer. Ela continua sorrindo. Eu abro a embalagem de plástico e mordo olhando pro assento da frente.

– Meu nome é Helena.

O avião sacode de leve. Ninguém parece notar, só eu.

É agora que ela vai puxar assunto. Mas não, ela parece intimidar-se e me deixa quieto. Helena de vestido vermelho. Helena no meio das nuvens, o vestido jogado pela janelinha oval do avião, o corpo flutuando em algodão macio.

Lá fora, as nuvens aumentam. Helena olha a poltrona da frente com um ar envergonhado, disfarçando um sorriso. Ela sabe. Ela sabe, a puta, ela faz de propósito, ela sabe que eu não posso. Helena no meio das nuvens, as farpas de algodão entrando pelos poros e pelos ouvidos.

– Frango ou massa?

Quê?

– Frango ou massa, senhor?

Frango. A aeromoça sorri, tem um rosto loirinho e agradável mas não consegue disfarçar os dentes meio tortos. Já foram melhores, as aeromoças. Difícil aparecer uma bonita esses dias. Mas tem uma bunda razoável. E tem Helena, já nas nuvens, me despindo, e quem sabe se a aeromoça se esgueirasse por trás e...

O avião estremece. O carrinho da comida balança com um barulho de garfos batendo. A aeromoça se esforça pra segurar as garrafas, sem perder o sorriso ensaiado.

Uma ervilha cai no meu colo e rola até o chão. O aviso de apertar cintos se acende. Eu começo a suar.

Em questão de segundos tudo volta ao normal. Quando eu olho na direção de Helena, ela já sorri pra aeromoça e diz massa, por favor. Apanha a bandeja e coloca-a sobre a mesinha com ar de satisfação. Eu disfarço um quê de desprezo e começo a comer. Antes disso, dou uma última olhada pela janela. A primeira nuvem cinza passa, já meio encrespada. Helena não percebe, mais preocupada em enrolar um pedaço de talharim. Eu penso em avisar, mas não ia adiantar nada.

Por alguns minutos me ocupo com a comida e o avião pára de balançar. Enquanto mastigo a salada sem gosto, o aviso de apertar cintos se apaga. Mais tranqüilo, solto a fivela. Respiro melhor, sem olhar pela janela, e resolvo abrir o papel laminado que cobre o prato principal. Ao meu lado, Helena devora o prato de massa com gula.

O frango é cheio de nervos e ossinhos, eu jogo os cotovelos de um lado pro outro pra conseguir cortá-lo. De vez em quando meu braço toca o corpo de Helena, mas ela finge não notar e mantém os olhos na massa. Fazida. Só de birra, faço um movimento mais forte e esbarro com o cotovelo na barriga dela. Ela me olha rindo. Eu sorrio de volta, tentando aparentar confiança.

– Cuidado – diz.

Claro.

Ela pouisa a faca sobre a mesa e corre a mão sobre a coxa direita, me encarando. Então eu olho pela janela e vejo o *cumulus nimbus* se aproximando. Helena, vestido vermelho rasgado, levitando na nuvem negra, e eu tragado pra dentro de encontro ao corpo dela, lábios contra os

seios, umidade e vapor emanando dos poros, acariciando a pele e penetrando garganta adentro.

Eu fecho o cinto de segurança. Ela olha, perde um tempo reparando no meu pau sob a calça, e pergunta o que eu estou fazendo. Eu não respondo, só fecho os olhos e seguro na divisória.

A turbulência começa com uma sacudida lateral, como se o avião escorregasse e se esforçasse pra retomar o equilíbrio. Duas filas pra frente, uma senhora deixa escapar um grito. Eu não abro os olhos, mas ouço a respiração de Helena e sei que ela me olha. Segundos depois, a mão dela segura o meu braço. Meu corpo se enfurna na nuvem e eu entro cada vez mais dentro dela.

Eu resisto incólume. Ela aperta um pouco mais, sinto as unhas pintadas de rosa arranhando a minha pele e deixo o pulso endurecer. Quem dera fosse só o pulso. Mas nunca é, e à medida que o corpo dela se aproxima eu sinto que começo a perder o controle.

O avião sacode de novo, dessa vez com um movimento vibratório. O garotinho de azul do outro lado do corredor se agarra na mãe e começa a chorar. Helena suspira, lasciva sobre as nuvens quando eu saio de dentro. Eu estremeço. A cabine estremece junto. E se eu mentisse que sou gay?

– Me abraça, eu tô ficando nervosa.

Quando ela termina de falar a gravidade some debaixo de mim por uma fração de segundo. Helena deixa escapar um gemido e estica o braço na minha direção, agarrando a minha coxa. O avião sacode, o mundo sacode, os corpos vibram, ela geme feliz. Eu sinto que não vou agüentar.

Empurrando a mão dela, levanto-me às pressas. Me atravesso na frente do carrinho de bebidas e ganho o corredor, correndo pra parte de trás do avião aos tropeços enquanto o chão não pára de sacudir. Atrás de mim, ouço os protestos inócuos da aeromoça dos dentes tortos. Chego ao banheiro, abro a porta com a mão trêmula e entro.

Tranco a fechadura com força e uma luz branca se acende. No chão, um resto de vômito escorre. O cheiro do banheiro me enoja, e a náusea me sobe à garganta, mas eu consigo segurar a tempo. Só não seguro as lágrimas, elas correm fortes e sem entender por quê eu me ajoelho em frente ao vaso sanitário aos prantos e peço perdão, peço a deus que mande a turbulência embora e juro que nunca mais faço isso, que não vai ter mais vestido vermelho nem lábios nem seios nem nuvem nem nada. Mas a borda gelada do vaso segue tremendo sob o meu pescoço e eu penso que já fui longe demais, que não tem volta, sinto o joelho resvalar no vômito e dessa vez não seguro o enjôo. Uma coisa verde jorra da boca e escorre pelo metal do vaso em direção ao nada. Por um momento sinto só a fraqueza, e então o vômito vem de novo, já menos abundante. Da terceira vez só um gosto ruim escorre entre os lábios. Já sem náusea, mas sem alívio, eu fecho os olhos e rezo. Até que de repente tudo silencia.

Perplexo, eu olho em volta sem acreditar muito. Aos poucos solto a borda do vaso, e constato espantado que a turbulência acalma. Meio envergonhado, levanto-me depressa do chão e apanho um lenço de papel pra limpar o vômito do joelho. Aperto o botão da descarga e o vácuo leva o que resta do desejo. Abro a torneira e lavo o

rosto com avidez. Quando a pele começa a arder com a fricção, pego uma toalha e me seco. Depois bochecho e cuspo várias vezes a água amarga até o gosto aliviar.


Saio do banheiro de cabeça baixa. As coisas parecem mais calmas. O garoto de azul parou de chorar e come a sobremesa. A tela projeta algum documentário idiota sobre zebras. Um jovem casal assiste e se dá as mãos, confiante. Eu sento de volta sem falar nada. Helena lê uma revista e me cumprimenta casualmente, depois aponta uma foto colorida e comenta qualquer coisa sobre um balneário no sul da França. Em poucos minutos o aviso de apertar os cintos se apaga e a turbulência desaparece de vez. Mais tarde o lanche é servido, e quando começa o filme eu coloco os fones e me recosto na poltrona. Por alguns minutos, chego até a dormir.

Helena não fala nada durante as últimas horas do voo, e com os fones no ouvido eu agradeço em silêncio pelo silêncio dela. Ainda assim, por vezes tenho a impressão que ela me olha com o canto do olho e me viro rápido, recitando mentalmente a classificação dos invertebrados pra não pensar em mais nada. Acho que funciona. Um pouco antes da chegada, a aeromoça oferece badulaques do *free shop* e folhetinhos da imigração, que nenhum de nós dois preenche. Após uma descida suave, o avião aterrissa, sob aplausos gerais para o piloto e a tripulação.

Eu levanto e apanho a mala no bagageiro. Estou prestes a sair quando sinto que alguém me cutuca. Eu me viro. Helena põe a mão no meu pescoço, me beija na testa e me enfia alguma coisa no bolso. Eu não tenho coragem de olhar na hora, mas logo que saio do avião

espero até perdê-la de vista, tiro do bolso e examino. No papel, o nome dela e um número de telefone. Eu sinto um arrepio correr pelas pernas. Quase ao mesmo tempo, um carrinho abarrotado de bagagem desaba à minha frente com um estrondo metálico. Uma criança chora, com o corpo sob uma mala pesada. A mãe grita que ela deve ter quebrado a perna, e uma pequena multidão começa a se juntar ao redor. Eu olho em volta, apavorado, e posso jurar que sinto o chão tremer.

Sem pensar duas vezes, me afasto rápido da cena. Repito com firmeza pra mim mesmo que estou no aeroporto, que essas coisas não acontecem em terra firme e que deve ser só a minha imaginação. Aos poucos, constato aliviado que a tremedeira começa a passar. Por via das dúvidas, no entanto, rasgo o papel, amasso os pedaços e jogo-os longe. Com sorte, talvez não lembre do número quando entrar no táxi.



Dias de antes da enchente

Minha mãe me afirma que nossa casa tem nove quartos, todos amplos e espaçosos, mas até onde sei apenas quatro são acessíveis através dos caminhos normais. Os outros estão além das portas e passos visíveis, e podem ser alcançados apenas através das passagens secretas que ligam os corredores maiores. Creio que nenhum de nós conhece-as todas: papai conta que segundo o antigo dono da casa elas seriam em número de nove, mas julgo que possa ser grande a margem de erro em tal conta. Martín diz conhecer seis, mas não sei se ele fala a verdade, pois há poucas semanas eu mesmo mostrei a ele o pequeno alçapão ao lado da escada, de cuja existência ele até então sequer suspeitava.

Utilizando uma combinação astuta de passagens, é bem possível que algum de nós já tenha chegado a todos os quartos, ainda que desavisadamente. É verdade, no entanto, que nem mesmo mamãe poderia ter certeza disso: a casa quando vista de fora assume formatos estranhos que impedem um julgamento adequado do número e posição dos quartos para quem os habita. Os

camundongos talvez pudessem construir um mapa fiel: com seu tamanho diminuto, eles passam livremente pelos pequenos orifícios que permitem antever os aposentos ainda não descobertos, e forçosamente devem ter percorrido a casa inteira, pois correm como loucos ao longo dos corredores e por vezes carregam queijos estranhos que não poderiam ter saído de nenhum armário por nós conhecido.

Já dos cachorros não se pode dizer o mesmo, pois apesar de passarem sem problemas pela maior parte das portas, e mesmo pelas passagens secretas (nossos cachorros são singularmente astutos), alguma ameaça invisível impede-os de atravessar o pequeno corredor que liga a cozinha à sala dos relógios. Meu avô conta já haver tentado transpor tal limitação levando um pastor alemão no colo, mas a agitação do animal ao aproximar-se da porta do corredor foi tanta que fez com que ele (meu avô, não o pastor alemão) fraturasse a bacia e deixasse de andar por três meses. Desde então temos deixado os cachorros em paz, o que significa que a sala dos relógios é o único local da casa em que os carpetes permanecem sempre limpos. Tenho insistido com mamãe, no entanto, que há algo de necessariamente errado na ordem das coisas, pois o quarto de minha irmãzinha Naná é teoricamente acessível apenas a partir da sala dos relógios, através da passagem que se abre quando as batidas do relógio de pêndulo sobre o armário coincidem com o tilintar do despertador da cômoda. A despeito disso, nossa governanta Frida vive a reclamar da sujeira que os cachorros fazem no quarto de Naná, o que me faz crer que existam ainda outras passagens secretas que ignoramos.

Além disso, mesmo que os cachorros fossem capazes de entrar na sala dos relógios, ainda assim deveria haver alguma outra explicação para que eles pudessem penetrar todos os dias no quarto de Naná: afinal, os dois relógios batem em ritmos bastante distintos, e pelas minhas contas não coincidem senão trinta e cinco vezes por ano. Talvez por isso eu e minha irmã nos vejamos tão pouco, se bem que meus pais dizem que isso acontece porque ela faleceu há três anos. Eu não acredito muito em tal história, no entanto, pois volta e meia ela me chama para brincar no pátio no meio da noite, e eu desço de meu quarto por um escorregador secreto que só Naná, Martín e eu conhecemos. Sua entrada permanece escondida atrás do copo d'água que minha mãe me deixa todos os dias antes de dormir, e se descermos em silêncio podemos brincar de subir nas árvores do canteiro central a noite inteira. Frida também o conhece (o escorregador, não o canteiro central ou o copo d'água), tive que lhe confessar a respeito dele numa noite em que ela encontrou-me no pátio depois de todas as portas terem sido trancadas. Ela não tem coragem de utilizá-lo, porém, por medo de que as cicatrizes em seu útero se rompam se ela o fizer. Frida cuida muito bem das cicatrizes em seu útero desde o nascimento do pequeno Frederico. Mamãe diz que ela devia se preocupar menos com seu útero e mais com Frederico, que por vezes fica sozinho por dias a fio em seu berço no segundo andar. Mas não posso reclamar de Frida, pois apesar de preocupar-se deveras quando me vê pulando sobre as cerejeiras do pátio, ela mantém-se fiel às suas promessas e não deixa que nada do que se passa entre mim e Naná chegue aos ouvidos de minha

mãe. Faço meus votos, assim, para que seu útero continue sempre em perfeitas condições.

Mesmo se ela contasse tudo, no entanto, minha mãe com certeza argumentaria que não poderia ser, insistindo no fato de que Naná faleceu há três anos. Quando minha mãe se convence de algo, é muito difícil dissuadi-la, e eu chego a sentir-me tentado a acreditar nela por vezes. Mas ela também costumava dizer que Calisto fora atropelado por um trem, e apesar disso meu avô continua reclamando que os latidos e perambulações de Calisto atrapalham as suas leituras no estúdio. O estúdio fica no terceiro andar, e poucos têm coragem de subir até ele nas noites de vento. Meu avô, entretanto, freqüentemente permanece lá em cima até tarde sem se importar com o tempo, lendo algum livro que toma emprestado da biblioteca, e nessas noites é que costuma queixar-se do comportamento de Calisto. É verdade que vovô às vezes confunde as coisas, e que Calisto nunca aparece quando estou por perto (até porque minha mãe não me deixaria ficar acordado até tão tarde). Por outro lado, não raro desperto no meio da noite ao ouvir latidos parecidos com os seus, então tenho a impressão de que meu avô deve estar com a razão. Admito que é duro ter que duvidar de mamãe. Mas o que se pode fazer quando se trata de manter vivo um animal favorito?

No lugar de Calisto vieram os dobermanns. Os dois eram queridos por todos na casa quando filhotes, mas depois de crescidos tornaram-se um estorvo, pelo menos para Frida e Hilda, a cozinheira. Os acidentes geralmente acontecem quando meu avô vai ao banheiro no meio da noite e esquece de fechar a porta que leva à despensa.

Tendo acesso a ela, os dois cães aprenderam a abrir a passagem secreta da parede sul através do movimento coordenado dos barris (pois, novamente, trata-se de um par de cães astutos), e com isso atingem a sala de jantar, escondendo-se na cristaleira. É cada vez mais comum, assim, que acordemos para tomar café e encontremos os dobermanns junto com o pequeno tigre sobre a mesa do café da manhã. Meu pai já não tem paciência de repreender os dobermanns todos os dias, e freqüentemente somos obrigados a comer sobre as poltronas. O pequeno tigre, por outro lado, continua sendo alvo das críticas de toda a família, e minha mãe já lhe deu um ultimato para que passe a alimentar-se exclusivamente de ração. Não faz muito tempo, devido às suas repetidas investidas contra a mesa, ele foi restrito às quatro câmaras do porão, sendo alimentado apenas com a dieta prescrita pelo veterinário. Certo de que tal dieta, baseada em ração industrial, vitaminas e suplementação de fibras, deve ser intragável para um tigre, cavei a partir da área de serviço um túnel que desembocava em um buraco no teto do porão, e dali passei a jogar macarrão e filé ao molho tártaro que roubava das panelas antes que Hilda as lavasse. Queria ter sido capaz de manter o túnel aberto quando o pequeno tigre foi solto, para brincar ou fugir para o porão em situações de perigo, mas fui mandado para a colônia de férias logo depois de cavá-lo, e quando voltei e tentei entrar as formigas o haviam ocupado por inteiro. Minha mãe sempre me disse para evitar me aproximar das formigas, e acho que nisso ao menos ela deve ter razão.

Se não chego a compreender o que se passa na casa, tampouco posso dizer que entendo muito bem o que

se passa fora dela. Pelo contrário, a organização do mundo que existe ao redor das nossas paredes me parece ainda mais peculiar do que o complicado arranjo das passagens secretas. O estranhamento começa pela orientação das janelas: todas elas encontram-se viradas na direção do parque, mas o lado exato para o qual elas olham muda conforme o dia da semana. Se num dia enxergo as jaulas dos macacos, portanto, é fato consumado que no dia seguinte estarei olhando para o orquidário, e que no outro dia acordarei com o sol batendo nos meus tornozelos. O mesmo acontece no quarto de Martín, ainda que ele alegue que a ordem dos acontecimentos em seu quarto segue a seqüência inversa. Para Martín, no entanto, tais variações constituem um problema, pois ele molha os lençóis enquanto dorme nos dias em que o sol esquentava sua barriga pela manhã. Isso faz com que ele proponha freqüentemente que troquemos de cama durante a noite, pelo menos às quartas-feiras e aos sábados. Em princípio não tive dúvidas em aceitar a troca, mas mais recentemente venho sentindo um certo medo do quarto de Martín: em algumas das noites que ali dormi me pareceu que sua janela por vezes volta-se para coisas estranhas que não fazem parte do parque. Da primeira vez que isso aconteceu fugi correndo em direção ao quarto de meus pais, mas eles apressaram em convencer-me de que tal acontecimento era normal. Disseram também que eu já tinha idade para tê-lo aprendido antes; afinal, mamãe sempre nos conta com entusiasmo que de sua janela se enxerga o mar, enquanto papai por vezes comenta na mesa de jantar sobre os veleiros que costuma observar com sua luneta de estimação. Ainda assim, o quarto de Martín

continua não me agradando, e minhas janelas favoritas seguem sendo as que olham para o parque. Suspeito também que a história dos lençóis molhados seja apenas uma desculpa para que troquemos de quarto: se estivesse no lugar de Martín, eu provavelmente faria o mesmo.

Certamente existem maneiras de se avistar o mar a partir de minha casa independentemente da orientação das janelas ou do dia da semana: para tanto, tudo o que se tem a fazer é subir alto pelas escadas que costeiam o lado de fora das paredes em direção às escarpas de rocha. O problema é que, de todos nós, apenas meu pai sabe com certeza o caminho a ser seguido. As rotas que levam até as escadas são complexas, afinal, e seus corredores tortuosos bifurcam-se sempre em dois caminhos de menor largura, em qualquer direção que se ande. Papai tentou certa vez explicar-me o complicado jogo de espelhos que permite que isso aconteça, mas acabei por cair no sono em meio à explicação, pois tínhamos jogado cabra-cega até tarde na noite anterior. Desde então ele nunca mais quis falar-me a respeito dos espelhos, e eu por minha vez não quis insistir, pois fico apreensivo ao andar pelos caminhos de fora da casa, em particular quando se ouve o barulho dos trens do outro lado do mar. Além de assustar-me, o barulho dos trens costuma significar também que em breve nossa casa se encherá de fuligem: da última vez que eles passaram, a faxina que se seguiu durou três dias e meio. Eu preferia que não houvesse trens nem estações anexas à casa, mas papai diz que isso é importante porque eles trazem o desenvolvimento econômico à nossa região, particularmente através do transporte de frutas cítricas e pequenas manufaturas. Eu não sei se concordo com isso,

mas é claro que não tenho bases para discordar de alguém tão entendido quanto papai em tais assuntos.

Da minha parte, no entanto, creio que o lado de fora das paredes deve ser reservado às crianças que já aprenderam a nadar. Até lá, prefiro esquecer o mar, e continuar sentindo a casa como se fosse minha. Ainda não compreendo bem o movimento das estações lá fora: mamãe providenciou-me algumas aulas particulares a respeito quando manifestei tal curiosidade, mas o número de folhas caídas e de transeuntes no parque não parece seguir o padrão cíclico que me foi ensinado pelo professor, um velho de fraque que tossia alto e ameaçava cair morto a qualquer momento. A cerejeira em nosso pátio, por outro lado, floresce sempre nas mesmas datas, que são comemoradas com grandes festas por nossa família. Não creio que se pudessem fazer festas para as árvores do parque, cujo florescimento é tão confuso, e isso me parece um problema; a despeito disso, no entanto, as pessoas lá fora parecem felizes. Talvez tal felicidade seja de fato possível, mas me parece que se as estações seguissem o ritmo da cerejeira seria muito mais fácil controlar a passagem do tempo, e as festas poderiam ser bem melhor organizadas. Já sugeri isso a mamãe numerosas vezes, mas aparentemente nem ela nem papai possuem grande poder sobre as estações de fora da casa. O inverso talvez seja verdade, por outro lado, pois desconfio que no fundo as estações estejam por trás de todas as vezes que papai nos deixou.

Da primeira vez que papai pegou o trem eu não compreendi bem o que acontecia: no momento em que ele deixou o pátio achei que ele iria forçosamente adentrar

uma passagem secreta e aparecer em algum corredor da parte alta da casa. Assim, nos dias que se seguiram não conseguia entender como ele podia eludir minhas buscas exaustivas, pois eu ainda era jovem e confuso demais para perceber o que tinha se passado, mesmo depois dele voltar cheio de presentes e histórias curiosas. A partida seguinte trouxe uma ausência ainda mais longa, mas ao menos eu já era crescido o suficiente aos olhos de papai para merecer uma explicação sobre tal evento por parte de Frida e mamãe. Falaram-me então das terras do outro lado do mar, e das importantes missões que papai deveria desempenhar como representante de nossa região, mas aquilo me pareceu deveras estranho. Parecia-me particularmente difícil entender a razão de tais terras só ganharem existência quando papai ia embora. Por que não eram elas mencionadas durante todas as outras épocas? E por que não eram elas acessíveis às passagens secretas, como acontecia com o quarto de Naná? Em todo caso, a muito custo acabei por acostumar-me com a idéia de que algo poderoso como um trem poderia de fato se afastar o suficiente da casa a ponto de tornar-se inacessível a qualquer passagem, e por vezes cheguei mesmo a imaginar como seria a sensação de cruzar os grandes bancos de areia do mar dentro de um vagão em alta velocidade.

Desde que papai voltou pela terceira e última vez, entretanto, as coisas já não são as mesmas. Seu rosto tem parecido sempre cansado, e seu despertar antes tão bem regulado passou a ocorrer nos horários mais imprevistos. Há pouco tempo, Frida confidenciou a mim tê-lo visto vagando pelos corredores após as cinco da manhã, em

busca de algo que ela não soube explicar-me o que era. Mamãe diz que são apenas problemas na glândula próstata, que fazem com que ele tenha de urinar quase constantemente (estaria papai usando fraldas?), mas duvido muito que seja verdade. Em primeiro lugar, porque papai jamais toleraria usar fraldas. Mas também porque, além disso, venho notando que ele anda nitidamente mais calado durante as refeições. Mesmo as invasões da mesa pelos dobermanns nos últimos dias não têm merecido mais do que resignadas repreensões, o que faz com que mamãe e tia Amália, quando esta nos visita, tenham de lidar com o problema praticamente sozinhas. Eu mesmo tenho sentido alguma raiva dos dobermanns recentemente, pois é injusto que eles se aproveitem do estado de papai para subir sobre a mesa. E tenho ainda mais medo de que o pequeno tigre, quando crescer, passe a comportar-se da mesma maneira, afinal um tigre adulto plantado sobre a mesa do jantar será certamente mais do que mamãe poderá suportar.

É verdade, no entanto, que botar toda a culpa nos trens talvez seja exagero. Eu era tão pequeno da primeira vez que papai partiu, afinal, que mal posso lembrar-me de seu comportamento antes disso, e minhas conclusões sobre suas mudanças por vezes têm de basear-se inteiramente no pequeno diário que Frida guarda sobre o balcão de mármore. Ninguém desconfia de que eu tenha acesso a tal documento, pois Frida raramente deixa tais materiais à vista, exceto na sala das estatuetas, onde julga que o corredor trancado pela rede de pesca lhe confere segurança. Ela não sabe, no entanto, que os alarmes foram desativados durante as chuvas do mês passado, e que

através de uma abertura no chão do banheiro é possível se chegar a um buraco no teto da sala que se localiza exatamente acima do balcão no qual fica o diário. A leitura dos escritos de Frida não me trouxe grandes revelações sobre os membros de minha família, mas reforçou a impressão que eu já nutria há tempos: papai anda mesmo mudado, e isso já deve estar ocorrendo há algum tempo.

Muito mais inquietantes, no entanto, são detalhes no diário de Frida que nada têm a ver com as mudanças ocorridas em papai. Apesar de nunca ter se queixado de nada para mim ou para mamãe, pois se trata de uma pessoa sumamente discreta, ela tem relatado por escrito uma série de acontecimentos estranhos em nossa casa. Na décima quarta página do oitavo capítulo, por exemplo, menciona que o dedo médio da pata de um dos dobermanns tornou-se completamente branco, coisa que eu mesmo, parando para pensar, talvez tenha observado da última vez em que eles subiram em meu prato. Reclama também que as jarras de água têm se derramado sozinhas pelos quartos: eu não teria como sabê-lo com certeza, pois é sempre mamãe quem me serve de água, mas tenho notado que por vezes a mesa do jantar tem de fato estado molhada quando chegamos para nos sentar. E relata por fim que o relógio de pêndulo anda permanentemente atrasado nos últimos tempos, o que me deixa preocupadíssimo por causa de Naná: conseguirá ela sair e entrar em seu quarto se for perdida a delicada sincronia entre os relógios?

Mas o mais estranho de tudo, no entanto, é um relato que não posso comprovar, que afirma que um dos quartos da casa tem se enchido repetidamente de sangue

até o nível dos joelhos. Não posso imaginar que quarto seja, e apesar de ter percorrido exaustivamente as passagens secretas que conheço nos últimos dias não logrei encontrá-lo. Sinto, no entanto, que ele de fato existe e está próximo, o que me preocupa muito, pois se o sangue já está chegando até o nível dos joelhos é necessário que ele esteja vindo de algum lugar. E isso faz com que eu me preocupe com mamãe, papai (cada vez mais anêmico), Naná, Martín, vovô, Frida, Hilda, e até mesmo com Calisto. E, como que para confirmar tais preocupações, não faz muito tempo tive de fato a impressão de ver algumas manchas de sangue no chão da cozinha. Frida logo fez questão de escondê-las, alegando serem apenas tomates que ela deixara cair. Duvido muito que ela falasse a verdade; todavia, tampouco consigo explicar como o sangue possa ter chegado até lá.

Também não posso comprovar que tais manchas tenham algo a ver com o relato de Frida, afinal em nossa cozinha por vezes ocorrem coisas estranhas. É possível que Hilda tenha se ferido enquanto cortava o pão da manhã, ou que Martín tenha se machucado brincando no pátio, ou que Frida tenha pisado em um caco de vidro após a arruaça matinal dos dobermanns. E é possível ainda que as manchas estivessem em algum dos vagões do trem da última vez que papai voltou, e talvez esse mesmo sangue tenha ajudado a preencher o quarto aonde ele (o sangue, não papai) já se encontra pelos joelhos. Mas não se pode negar a possibilidade concreta de que tamanha quantidade de sangue, confinada em um quarto pequeno, tenha já começado a vazar, explicando as manchas na cozinha. Isso me preocupa bastante.

Minha mãe me afirma que nossa casa tem nove quartos, todos amplos e espaçosos, mas até onde sei apenas quatro são acessíveis através dos caminhos normais. Os outros estão além das portas e passos visíveis, e podem ser alcançados apenas através de passagens secretas que ligam os corredores maiores. Nossa casa tem também cerejeiras, relógios, espelhos, janelas e até escadarias de onde se avista o mar do lado de fora das paredes. Mas nossa casa tem um quarto cheio de sangue até o nível dos joelhos, e papai segue a vagar sem rumo pelos corredores à noite. E, pior do que isso, sei que o sangue se espalha rápido, e que papai parece cada vez mais anêmico. Talvez seja só preocupação com papai, é verdade, e ainda não tive coragem de contar nada disso a mamãe. Suspeito fortemente, no entanto, que talvez precisemos nos mudar em breve.



Um pouco de sorte

Cresci brincando entre ramos de arruda presos nas portas e velas acesas pra um santo qualquer, mas nunca acreditei que tais rituais pudessem de fato trazer sorte a alguém. Pra falar a verdade, os talismãs que minha mãe espalhava pela casa pouca diferença me faziam, exceto quando me acontecia de esbarrar em alguma vela e queimar os joelhos com cera quente. Mais tarde foram as pirâmides que, me assegurava Júlia, seriam capazes de drenar energias positivas vindas dos confins do cosmo e concentrá-las todas no centro do nosso apartamento. No fim das contas, o tempo provaria que, se tais energias existiam, elas eram demasiado cruéis ou ciumentas pra permitir nossa felicidade a dois. Hoje, assim, despejado, não posso senão pensar que todas as superstições em que esbarrei de pouco me adiantaram ao longo da vida.

Talvez por isso caminhe assim, casual, sozinho e sem adereços, até a porta de madeira sob o grande luminoso da esquina, como aliás tenho feito em todas as noites dos últimos anos. Os poucos freqüentadores dos bares no caminho me olham com um misto de tédio e desprezo, e a chuva fina conspira com eles pra me fazer um pouco mais estrangeiro ao mundo que me cerca. Mas,

já habituado à distância, cumpro o caminho e o ritual sem muito pensar, sem levar mais do que a roupa do corpo, a maleta de trabalho e um punhado de trocados pra oferecer à sorte. E confesso que não sei bem como a sorte é decidida, mas estou convencido de que não cabe a mim interferir. Tenho consciência de que muitos dos que me observam da rua argumentariam que ela sequer existe, e suponho que estes devam rir baixinho ao me verem cumprimentar o porteiro e olhar pros dois lados antes de entrar. Mas isso pouco me importa, pois bem sei que eles não passam de orgulhosos incrédulos, tão somente incapazes de admitir que não têm acesso aos recônditos em que a sorte traça seus desígnios.

Eu mesmo tampouco conheço tais esconderijos, mas desconfio que a conspiração se inicie no fundo da terra, em caldeirões cercados de silêncio, nos quais a lava é derramada entre as estalagmites em pequenas gotas que aos poucos ganham força e concentram-se, na espera confiante da erupção. E tenho a certeza, enquanto penetro no corredor já tomado pela fumaça do salão, de que é algum gesto da sorte que coloca tudo em movimento antes mesmo que eu chegue à porta interna. Para que, no instante preciso em que minha mão toca o trinco, as rachaduras no corpo do basalto cedam e permitam que a pressão empurre a lava terra acima, quebrando as barreiras até que ela atinja a superfície e derrame-se preguiçosa sobre o solo, varrendo o fundo do Atlântico e lambendo a borda submersa da América do Sul. O derramamento fará com que as placas tectônicas vizinhas se afastem infimamente, ao mesmo tempo em que suas antípodas se sobrepõem do outro lado do planeta,

causando um gentil estremecimento da crosta terrestre. Gentil, mas suficiente para que uma seqüência de avalanches sacuda o Himalaia e dois ou três icebergs de grande porte entrem em colapso na Antártida, atirando toneladas de gelo ao mar. Os maremotos e inundações subseqüentes causarão enormes sofrimentos às populações litorâneas do planeta nos próximos dias, e as manchetes dos jornais chamarão isso de fatalidade. E não deixarão de ter algum fundamento, mas não mais do que algum. Porque a verdade é que tais acontecimentos não passam de mera corolária das reais intenções da sorte, que tem seus olhos voltados não para os mares, pescadores ou palafitas que desabam, mas sim para um fim mais preciso e pungente.

Pois nesse exato momento eu sei, porque enxergo, que os olhos da sorte estão ocupados em fitar-me por detrás de uma coluna a partir de uma mesa no fundo do salão. Sentada num canto do antigo cinema, ela deixa-os passear distraídos sobre a minha figura ao me ver entrar, pra logo tornar a distrair-se com o copo de gim-tônica, enquanto observa ausente os quadros sem valor pendurados nas paredes. Mas é tempo suficiente pra fazer-me estremecer e deixar-me sem ação por alguns instantes, até que eu tome coragem e me sente em uma das surradas mesas redondas, entre dois vultos silenciosos de semblante infeliz. Tento aparentar tranqüilidade, fazer-me de difícil, mas não sei se consigo, pois o olhar da sorte não volta a cruzar com o meu, e percorre o restante da sala até fixar-se no painel luminoso atrás de mim, talvez seduzido pelo brilho do néon. E enquanto eu continuo a observá-la sem ser percebido sua

pele branca me tenta, mesmo que o longo manto negro enrolado ao redor do corpo deixe transparecer apenas uma tênue insinuação do brilho que encerra dentro de si. Fascinado, chego mesmo a sentir o perfume das flores brancas que adornam os cabelos cobertos da deusa, e a imaginar num instante de delírio que ela se enfeita apenas pra mim. Mas seu rosto segue impassível, deixando-se ser olhado sem conceder retribuição a ninguém.

O aviso da porta-voz me traz subitamente de volta à realidade, anunciando o fim do interlúdio e a aproximação do desenlace. Um instante de expectativa varre a sala: as canetas são empunhadas e as cartelas arrastadas sobre as mesas, ainda que ninguém além de mim pareça reparar na presença da sorte no fundo do salão. E é então que, sem se importar com a ignorância alheia, ela pisca um dos olhos por entre as luzes que se multiplicam, quiçá na minha direção, e os milagres começam a ser operados.

Sem que precise esforçar-se, com o trabalho já consumado no fundo da terra, a sorte apenas observa enquanto o globo luminoso sobre a mesa central se inclina imperceptivelmente com o deslocamento da crosta terrestre. Como uma mão invisível, o desequilíbrio faz com que as primeiras esferas brancas lançadas ao alto rolem por sobre o suporte metálico e escorreguem, ignoradas, em direção ao limbo. E o limbo será o fado de todas elas, e o seria até a eternidade, se nesse momento a sorte não intercedesse com seu toque mágico. Soltando o copo sobre a mesa, ela balança de leve a cabeça, deixando entrever-se o brilho dos cabelos negros sob o capuz, e estala os dedos para sinalizar o momento exato. Em obediência ao sinal, um imenso dragão subterrâneo lança

um urro e dispara labaredas que sobem rapidamente em direção à atmosfera, perfurando quilômetros de rocha em desabamentos sucessivos que abrem uma fenda no fundo do mar e arrastam consigo frotas de submarinos naufragados e espécies inteiras de peixes fosforescentes. Mas não há tempo para lamentá-los, pois o agitação geológico que se segue é suficiente para que o desnível do continente seja corrigido no exato momento em que a quinta bola toca a superfície do globo, agora em equilíbrio perfeito. A hora é chegada, o vestido negro da sorte trepida, seu rosto gélido esboça um leve sorriso, e eu nada posso fazer a não ser observar maravilhado.

Um, dois, três pulos. A bola salta travessa sobre o suporte, cortejando-o durante alguns segundos de suspense até acoplar-se apaixonada ao receptáculo. Todas as respirações se interrompem, o dragão se cala, e a sorte baixa os olhos, sabendo que sua missão está cumprida. Um breve silêncio, e então o veredicto. Quatorze. *Quatorze*, estampam os espelhos, televisões e câmeras de segurança à minha volta, quatorze, pronuncia a porta-voz do destino em sua voz suave e anônima de anúncio de aeroporto, quatorze, berra em vermelho o painel luminoso em que a verdade se reescreve a cada rodada. Quatorze, marcam as canetas dos bem-aventurados, enquanto os demais permanecem com a respiração contida, até que centésimos antes da próxima bola saltar (pois a sorte é caprichosa e um tanto sádica) uma voz grita no fundo do salão, fazendo com que um murmúrio abafado de decepção ascenda das outras mesas, pra logo desaparecer junto com a fumaça sob a luz fluorescente.

Por um breve momento então a sorte vira o rosto para a parede, escondendo-se atrás do capuz, e a luz do seu olhar desaparece, tornando o salão um pouco mais pálido, e cada um de nós um pouco menos vivo e já não tão bonito, posto que não há mais ninguém a seduzir. E o mundo todo, se pudesse olhar-se no espelho nesse instante, o faria com certa vergonha, ao perceber-se não mais do que uma carcaça, despida por inteiro da beleza do acaso. Não, não foi dessa vez, penso eu, pensamos todos, enquanto os emissários da fatalidade conferem a cartela do felizardo. E no breve interlúdio que se segue uma aflição de orfandade se insinua entre as mesas, sobe pelas pernas das cadeiras e roça os meus joelhos, fazendo-me temer que eu nunca mais venha ver a face da sorte, cujo vulto agora sequer diviso por trás da fumaça no fundo do recinto. Teria ela fugido às pressas pela porta dos fundos, nos abandonado sem deixar ao menos um pequeno alento, uma lembrança qualquer? Mas não, tudo não passa de uma pequena conspiração preparada pra tornar o alívio que vem a seguir ainda mais redentor. Pois ela logo reaparece na porta do salão, de sandálias prateadas, vestido vermelho e cabelos esvoaçantes, e sob o olhar lascivo dos presentes caminha despreocupada até acomodar-se em uma cadeira alta junto ao balcão. E então a agitação ressurgue na sala, as conversas se tornam mais animadas e as luzes mais brilhantes, enquanto o perdão é concedido entre as mesas a trinta e três centavos a cartela. E ao pagar estamos mais uma vez nos braços da sorte, desejando loucamente seus seios fartos, e perdoamos também, humildes, sabendo que seus desígnios estão muito além de onde nossa imaginação alcança. Tal modéstia não vem senão a duro

custo, é verdade, e os que passam apressados pelas calçadas do lado de fora do salão teimarão em resistir ao destino, nos olhando com desprezo e arrogância sem sequer reparar na dama de vermelho ao lado do balcão. Mas enquanto a corja corre e pragueja continuaremos tranqüilos, e nos contentaremos em observá-la até com certa ternura, sabendo que o tempo acabará por revelar também a ela que a batalha é inútil.

Mas por enquanto, renegados pelo mundo, cabe somente a nós a árdua tarefa de cultivar a sabedoria, sem questionar o derramar do magma, o estraçalhamento da rocha, o derreter dos icebergs, o rufar das ondas e tudo o mais que converge sobre o globo de luz a cada nova rodada. Cientes de nossa impotência, mas entregues sem volta ao desejo apaixonado pelas formas sinuosas, mantos negros e decotes rubros da sorte. E assim persistimos, sabendo que não dispomos de armas pra conquistá-la além da espera, dedicada e silenciosa, enquanto ela sorve caprichosa a próxima dose de vodka e sorri em direção a ninguém, como se tentasse seduzir o infinito. E coniventes com seus caprichos seguiremos esperando, sem ansiedade, vergonha ou dor, limitando-nos a aguardar a rodada, o dia, a encarnação certa em que as dezenas estarão alinhadas, os ângulos estarão corretos e os continentes se moverão todos a nosso favor, numa combinação que apenas a sorte em seus voluptuosos sonhos poderia conceber. E só então, no auge de uma conjuntura de imprevistos que abraçará a terra inteira, é que por fim a bola certa tombará ao solo, a cartela se completará, as lâmpadas se acenderão, a sorte rasgará seu vestido vermelho entregando-se ao vencedor num

gemido de êxtase, e com a benção de todos os senhores da terra o grito guardado no peito projetar-se-á como um raio de pura luz em direção aos céus, bingo, bingo, *bingo*, aleluia, axé, odara, hosana nas alturas, bingo, bingo, bingo, e a dor será então redimida até o fim dos tempos, até a próxima rodada, até o próximo amante, até o próximo urro fulgente do dragão.



Minutos contados

Acordar: tempo estimado, vinte e seis minutos. Levantar a cabeça um minuto e vinte, bater no despertador dois minutos, mais um minuto e meio pra levantar o resto do corpo, trinta segundos pra ir até o banheiro, um minuto mijando, nove minutos de chuveiro quente, dois minutos pra escovar os dentes, trinta segundos pro desodorante, mais trinta pra chegar até a cozinha, um minuto e quarenta pro café esquentar no microondas, quatro pra tomar café enquanto olho o jornal. Um segundo pra lembrar que esqueci de me vestir, cinco minutos pra voltar correndo pro quarto e botar o terno e a gravata. Tempo total vinte e nove minutos e um segundo, puta que o pariu eu comecei a me atrasar.

Tempo pra lembrar onde o carro está, vinte segundos. Nada colabora num dia de merda desses. Trinta segundos pra chegar até a porta, oito segundos pra conseguir entrar no carro, quarenta e quatro segundos até chegar na porta do estacionamento e encontrar o carro do cara do quatrocentos e seis trancando o caminho com o pisca-alerta ligado. Cinco segundos pra tirar a chave do bolso, vinte pra riscar a porta do idiota, três minutos pra responder com socos às ofensas do dono e cinco segundos

pra puxar a arma e espantá-lo. Quatro segundos pra mandar ele tomar no cu com essa ameaça besta de dar queixa na polícia. Em todo caso, lá se vão mais de dez minutos só no estacionamento. Agora sim eu tô fodido.

Um segundo de pneus cantando, dois pra olhar pra ambos os lados antes de atravessar, zero a sessenta por hora em três. Dois anos e meio de trabalho por um carro em que eu possa fazer isso. Três segundos pra olhar o relógio, tempo suficiente pra quase bater numa carroça, mais três segundos pra olhar de novo depois do susto, sete e cinquenta e cinco, chego em oito minutos se o trânsito ajudar, mas ainda assim são três minutos de atraso.

Cada sinal fechado extra trinta segundos, a tranqueira da saída do colégio das freiras mais um minuto e meio, três voltas na garagem até conseguir estacionar, a porta do carro se fecha às oito e sete, da garagem até o escritório três minutos, cumpridos à risca: um minuto e meio até o elevador, quarenta segundos esperando, quatro segundos pra dizer o andar pra ascensorista, quarenta e seis até a porta do escritório. Abro. Ninguém na sala de espera. Graças a deus eu estou em tempo.

Oi pra recepcionista cinco segundos, arrumar os papéis e montar o laptop em cima da mesa dois minutos, e depois a espera. Cinco minutos e nada dos caras da multinacional, trinta segundos falando mal desse país de merda onde ninguém chega na hora, três minutos de pavor pensando que talvez eles não apareçam. Cinquenta segundos pra roer as unhas: dezessete pro polegar, quatorze pro indicador, dezenove pro médio e quando eu estou chegando no anular a porta se abre. Alívio imediato.

Sorriso falso um segundo, aperto de mão mais quatro, sentar-se na mesa cinco segundos, três minutos obrigatórios de conversa fiada, por mais que eu tente convencê-los de que a família vai mesmo bem. Por fim o que importa. Discutir as opções de contrato vinte e quatro minutos, assinar papéis oito minutos e cinquenta segundos, revisar o plano pra próxima semana dezoito minutos, finalmente eu começo a sentir as coisas acontecendo. Fechar a porta e despedir-se quinze segundos, desejar secretamente nunca mais ter de ver esses filhos da puta mais oito. Respirar fundo, um minuto e meio. Nove e cinco, e a secretária liga oferecendo um café: o dia de trabalho está pronto pra começar.

Jornada de trabalho padrão: dez horas, três copos de café, meia hora economizada comendo um sanduíche ao invés de almoçar, cinco beijos na secretária mais uns vinte segundos em que ela me deixa apalpá-la nos peitos. Quando for promovido talvez tenha quarenta. Hora de saída, cinco e meia da tarde. Tempo suficiente pra mais alguma coisa.

Ligar do celular pra morena alta da noite de sexta quarenta e cinco segundos, ligar e desligar pra dez pessoas diferentes pra apagar a chamada do aparelho dez segundos por ligação. Oito minutos quase sem trânsito até o prédio dela, cinco segundos e dez reais pro porteiro calar a boca, trinta segundos pra subir de escada, cinco pra arrumar a gravata antes de bater na porta. Oito segundos pra abrir, três segundos de “oi amor, tudo bem?”, seis minutos de conversa fiada, quarenta e cinco segundos pra servir a vodka, vinte e cinco minutos pra ficar bêbado. Entre a mão no trinco da porta e o dedo enfiado nela trinta e quatro

minutos, nada mal pra um segundo encontro. Preliminares dezoito minutos, sexo oral quatro, penetração cinco minutos. Quinze minutos tentando explicar a ejaculação precoce, meia hora pra me convencer que eu não vou conseguir dar a segunda, cinco segundos de “tchau, eu te ligo”, vinte minutos se lamentando no caminho até em casa. Mais quatro décimos de segundo e cinqüenta reais de multa do condomínio pelo chute na porta do elevador.

Ouvir os recados da esposa na secretária eletrônica seis minutos, doze reais e sessenta centavos, pela tarifa atual da ligação interurbana. Cinco segundos de culpa, dois minutos lembrando do boquete da tarde, três minutos até sentir um princípio de ereção. Ligar o computador três minutos, dois e meio deles xingando a porra do windows, entrar na internet trinta segundos, achar o site certo dois minutos, aumentar o tamanho das fotos mais um, tempo de masturbação até o orgasmo dois minutos e meio. Trinta segundos pra ir até o banheiro, dez pra desenrolar o papel higiênico, oito pra limpar a mão, trinta pra limpar a escrivadinha. Um minuto pra apagar o histórico do navegador. Cinco minutos se sentindo um idiota por perder tempo com essas coisas.

Um segundo pra ligar a televisão da sala enquanto eu penso no que preparar pra janta, três minutos trocando de canal até confirmar que não tem nada de útil passando. Um segundo pra desligar, dois pra atirar o controle no sofá. Três minutos revirando a geladeira, mais três esquentando a comida de ontem no microondas, dezoito minutos pra comer correndo, meio minuto pra digestão. Vinte segundos pra encontrar o pijama no armário, dois minutos pra trocar de roupa, um minuto pensando se não

ficou nada por fazer, cinco segundos pra dizer pra mim mesmo que não, três segundos pra respirar fundo e soltar o ar antes de começar a fazer as contas.

Um minuto pra encontrar papel e lápis, dez segundos pra sentar-se de novo à mesa. Vinte e cinco segundos pra começar a lembrar. Levantar a cabeça, um minuto e vinte, bater no despertador, dois minutos, mais um minuto e meio pra levantar o corpo, nove minutos de chuveiro quente, um minuto mijando. Não, isso foi antes. Um minuto pra escovar os dentes. Ou dois. Parar a ponta do lápis na ponta do papel, cinco segundos. Por pouco eu não perco a conta. Trinta segundos pro desodorante, quatro minutos pra tomar café, eu disse que eu andava melhorando, cinco minutos pra sova no cara do carro, pro que ele apanhou até foi pouco, vinte segundos pra rir baixinho da cara do coitado, cinqüenta e oito minutos pra terminar de contabilizar o tempo do dia, cinco segundos pra pegar o lápis. Não, isso foi antes. Um segundo de preocupação por me confundir, vinte pra ganhar confiança de novo e seguir em frente. Cinco minutos pra pegar o café, quatro minutos pra tomar o café. Não, isso foi de manhã. Dois minutos pra tomar o café, um segundo pra deixar cair a xícara, os números se embaralham, trinta e nove vinte e oito quarenta e um cento e dois segundos, a primeira cabeceada, eu preciso dum banho. Entrar no chuveiro dois minutos, seis a menos do que de manhã, ou a mais, trinta segundos, segunda cabeceada, ou então foram dois, quarenta e nove vinte e quatro trezentos e trinta e cinco, meio décimo o tempo pra uma gota d'água cair no chão, três segundos abrir a porta do banheiro, onze minutos me arrastar até a cama, não, isso foi ontem. Trinta

e quatro minutos até voltar pra escrivania, quarenta e cinco segundos a terceira cabeceada, três horas de compressão com gelo pra curar o hematoma na cabeça, agora sim eu estou pronto pra começar de novo, acordar de manhã vinte e seis minutos, levantar a cabeça um minuto e vinte, bater no despertador dois minutos, levantar a cabeça trinta segundos, acordar de novo um minuto, pisotear o despertador mais dois, abrir as torneiras da casa cinco minutos, espalhar o sabão em pó no chão três segundos, apanhar o taco de beisebol um metro e dez, quebrar os enfeitezinhas da prateleira em décimos de segundo, cortar a mesa com o machado uma hora e meia, juntar tudo no centro da sala cinco minutos, pegar o álcool trinta segundos, espalhar na manga do terno dois, acender o fósforo um... não, isso já é sonho.



Epicentro

Dormirás; amanhã dormirás até tarde, no epicentro do terremoto urbano que desaba ao teu redor, com o trânsito explodindo sobre as pontes que pendem acima da tua cabeça, enquanto os pedestres intercalam gritos e silêncios de angústia e os computadores e as sinaleiras trabalham sem cessar. E nos movimentos do teu corpo, que se sacode feliz sonhando com alguma garota que viste num pôster de anúncio de cerveja ontem à tarde, o curso do mundo ao longo do dia se definirá em um lânguido espreguiçar. Perto das oito da manhã, enquanto ainda dormes, um jovem executivo passará correndo por teu corpo deitado na calçada. Assustado com um balançar da tua cabeça, ele atravessará a rua com demasiada pressa e fará com que um carro de passeio derrape contra um caminhão de combustível, incendiando a pista e criando um congestionamento que se estenderá por alguns quilômetros até que a polícia consiga estabilizar a situação. E tudo isso por causa do pedaço de aréola que chegaste a vislumbrar na ponta de um seio, por baixo da mão direita da garota do pôster, que te aguarda seminua sobre uma cama de lençóis cor-de-rosa e nada sabe a respeito do tráfego.

Acordarás (muito depois de tudo isso, é verdade). Acordarás e te divertirás tendo a mão lida por uma das bichas do acampamento ao lado, que arriscará previsões requentadas, copiadas palavra por palavra do horóscopo do jornal. Bem sabes que no fundo ele quer uma chupada, mas habilmente arranjarás uma desculpa qualquer pra sair discretamente, sem esquecer de na saída fazer a tua própria profecia, “hoje beijarás um príncipe e ele se transformará num sapo, que pulará te levando até os banhados desconhecidos aonde termina o arco-íris; encontrado o pote de ouro, ele então se transformará novamente no príncipe e retribuirá o teu beijo, já que agora terás dinheiro pra pagar a festa de casamento”. Então a bicha sorrirá aquele sorriso de dentes tortos, e tu irás embora pela rua matutando a tua sorte recém-descoberta, rindo do desatino de ouvir alguém dizer que estás num dia prolífico para os negócios. Talvez devesse chamar os sócios pra debater, “muito bem, senhores investidores, vamos então repassar brevemente os pormenores do contrato”. Tua gargalhada deságua em um sorriso largo, a sorte te sorri de volta. E o mundo te parece bom, pelo menos até agora.

Caminharás distraído em direção ao parque, e ao longo do caminho pintarás as paredes das casas e os pilares do viaduto com símbolos incompreensíveis e séries de números desenhados, que só muito tempo depois, quando já for tarde demais, alguém descobrirá tratarem-se das seqüências premiadas da loteria de amanhã. O mundo nunca aproveita o que tens a dizer – ele insiste em passar apressado sem parar pra olhar, levando uma valise ou uma carroça de papelão, e da tua parte deixas estar, pois não

tens a menor pressa. E não chegas a aborrecer-te, mesmo sabendo que sequer de acreditar no óbvio teu leitor desconhecido será capaz, que ao comparar os números da parede com os do jornal ele insistirá com um ceticismo teimoso que os escreveste depois. E, olhando para o relógio, seguirá sem pestanejar para assistir embasbacado a discursos e falsas profecias, minutos depois de deixar as verdadeiras pra trás.

Com o primeiro culto da manhã rugindo às tuas costas, atravessarás os trilhos com passos largos e distraídos, enquanto olhas com certo maravilhamento a multidão que chega à Central com ar perdido, sem saber pra onde ir depois que os trilhos acabam. “Por que não andam, tão somente?”, te perguntas, e sem esperar a resposta saltas para o próximo trilho, apanhando uma pedrinha no chão pra eventualidade de encontrares o céu pelo caminho. Um dos trens passa ao teu lado, um vento bom bate no rosto, quem te visse acharia que és feliz; tu mesmo não achas nada, porque estragaria tudo. E enquanto o sorriso persiste em tuas feições um operário no trem que passa reparará de relance na tua figura despreocupada caminhando ao lado dos trilhos, e ao tentar te acompanhar com os olhos acabará esbarrando na silhueta de uma morena de ombros esguios, sentada uns três bancos pra trás. Até o final da viagem, já bem depois de teres sumido, ele criará coragem pra abordá-la com alguma cantada sem muita graça, que encontrará solo fértil nos ouvidos carentes da moça. Três anos e oito estações depois, num hospital do subúrbio, um menino nascerá e eles o chamarão com o teu nome, sem nem sequer saber.

Andarás então pelas ruas feias que desembocam no cascalho ao redor dos trens, por entre as placas amarelas que dizem que elas não têm saída. “É mentira”, pensas, olhas pra cima e as ruas são todas abertas, afora um ou outro fio de luz que se atravessa no caminho. E ainda que as placas não tenham pernas ou asas, gostarias de poder convencer os passantes de que elas mentem, mas eles têm os olhos tristes e fixos demais pra te enxergarem. Não fosse assim, talvez distinguíssem um sinal, um rastro ou apenas o espaço atrás de ti, o que já seria alguma coisa. Subindo mais e mais rumo à cidade terás a impressão de que ela respira, e no topo da ladeira sentarás no meio-fio pra olhar a paisagem com mais calma. Pedirás umas moedas quase que por hábito, sabes bem que poderias encontrá-las mais facilmente lá embaixo, mas a moça de cabelos loiros que quase tropeça em tuas pernas se limitará a gritar contigo. Pra seu próprio azar, como sabes, se ela parasse pra abrir a bolsa e procurar a carteira esperaria o tempo necessário pro amante despedir-se da esposa antes de encontrá-lo, evitando o escândalo que há de se seguir. Mas de momento, com fome e sem moedas, não te sentirás mal em não contar nada disso, e deixarás que ela passe desavisada, enquanto retomas a cidade como tua companhia.

Cansado de aguardar a caridade alheia, em breve seguirás teu rumo, molhando uma das mãos com tinta branca numa construção e sujando as paredes que te parecem vermelhas demais no caminho. Na frente da última delas um velho que bebe num bar perguntará por que fazes aquilo, com a tranquilidade dos alcoólatras satisfeitos. E chegarás mesmo a pensar em explicar tudo, as pegadas, as marcas e os beijos, o mal que o vermelho

te causa, mas acabarás por perceber que ele não compreenderá, e pagarás mais um copo com as moedas que não ganhaste, sabendo que o câncer já cria raízes no fígado, e que ele não encontraria remédio melhor de qualquer maneira. Ele insistirá pra que tomes um gole, e o álcool te queimará a garganta, longe do tempo e do lugar certo em que ele poderia afagar tua alma. E logo te afastarás, incomodado pela proximidade incômoda do esquecimento, acreditando sem motivo ou esforço que ainda tens o que cumprir.

Alcançarás o parque, por fim, e pararás pra beber água ao lado do chafariz, aproveitando a delicada nuvem d'água que o vento arrasta consigo. Sentindo o sol no teu rosto, farás troça com as crianças menores que se encharcam no laguinho, alheias a tudo o que por acaso não brilhe. Pousarás enfim os teus olhos num garoto com os cabelos pintados de dourado, e sentirás uma vaga vontade de tocá-lo, com o misto de desejo e curiosidade de quem examina um veludo raro. E no fim das contas não te conterás, colocando as duas mãos nos ombros delicados empurrarás o corpo escuro de cabelos cintilantes de volta ao lago, deixando que ele agite freneticamente as mãos na água pra jogá-la contra ti. Fingirás que te escondes atrás do muro pra não te molhares, mas na verdade agradecerás em silêncio pelas gordas gotas que te protegem do calor. E mais tarde, perto do fim do dia, um outro corpo de homem também agradecerá ao deitar sem camisa sobre o chão molhado pra descansar, chamando a atenção de um dos velhos pederastas do parque, que agradecerá em dobro, pois há de voltar pra encontrá-lo mais tarde.

Chegando no lugar marcado, ainda esperarás muito tempo deitado sobre a grama sem pensar em nada que não sejam nuvens até escutares a voz de Patrícia, que chega ao teu ouvido no momento em que o sol já passa um pouco do auge. Virarás o rosto e verás que ela sorri, e responde o teu “oi Patrícia” com um “oi sapo gordo” ou algo parecido, mesmo que peses pouco mais do que cinquenta quilos. Chamarás ela de boba, porque é merecido, enquanto ela ri à toa e pergunta sobre a pedrinha que ainda carregas e jogas de uma mão pra outra sem perceber. Antes que possas pensar numa resposta ela já a terá apanhado pra examinar com olhos curiosos, traçando as ranhuras da pedra com os dedos enquanto a luz refletida nos cristais ilumina o seu rosto, fazendo-te pensar que ele é bonito. E no momento seguinte, com ela já cansada do pedaço de granito, remexerás dentro do carrinho de roupas até encontrares o baralho. Piscando pra ela, derramarás as cartas e a sorte sobre a grama, enquanto ela senta e devolve a piscada com um olhar de desafio brincalhão. “Hoje não podes contra mim, bobinho”. Pensarás em perguntar como ela sabe, mas acabarás por calar-te, suspeitando que ela venha a mencionar alguma coisa lida no horóscopo do jornal.

Começarás jogando baixo, olhando as cartas da tua mão contra as nuvens que passam cada vez mais rápido e sabendo que o oito de copas e o três de espadas não hão de te valer muito. Mas teu olho logo brilhará quando por desatenção de Patrícia o valete de paus cair na mesa, fazendo o jogo surgir na tua cabeça, ainda quente, macio e incompleto. Comprarás, então, e começarás devagar a armar teus pequenos exércitos entre os dedos. E a

primeira sequência de cartas que cai sobre a grama é apenas um prenúncio dos castelos, navios a vapor e armadas de elefantes que o teu olhar antevê, e que a tua mão haveria de concretizar, não fosse a iminência da batida, e a inevitável efemeridade do jogo já ganho.

Nesse momento verás que um vulto ao teu lado senta e compra cartas do monte, com um desembaraço que chega a te perturbar um pouco. Ele se chama Leandro e entra no jogo com apostas altas, assustando Patrícia a princípio. Mas sabendo da tua boa fortuna ela pisca pra ti fazendo sinal pra que deixes ele entrar e jorges de uma vez: mais tarde sem dúvida ela tentará dividir o teu próprio espólio contigo, usando mil argumentos sem consistência que não terás coragem de contrariar. E com a partida nas mãos olharás para ambos, tranqüilo, e enxergarás o jogo todo escrito nas cartas, e atrás do jogo a grama macia e recém-aparada, e atrás da grama a cidade inteira com suas artérias cheias de gente, insetos, fumaça e luzes piscantes, e além da cidade os cumes de montanhas carregados de nuvens, que te deixam entrever outros caminhos ainda maiores e mais plenos. E após o êxtase breve de enxergar bem além do que alcanças trarás teus olhos de volta às montanhas, e de volta à cidade, e de volta à grama, e por fim de volta ao jogo, em que te falta apenas a rainha de copas que acaba de cair à mesa pra chegar à vitória. Mas nesse momento um pequeno besouro de asas vermelhas se infiltrará no teu campo de visão, roubando momentaneamente o teu olhar e conduzindo-o por linhas tortas até o sol. E com a vista ofuscada pelo brilho súbito adivinharás que algo deve haver atrás daquela claridade que não te deixa enxergar, mas que em meio a tamanha

luz não pode ser outra coisa senão a garota do pôster, que só poderia mesmo morar atrás do sol (que outro lugar poderia merecê-la, afinal?). E lembrando daquela mão espalmada sobre o seio esquerdo te perderás em devaneio, e mal te darás conta de que compras o monte ao invés da mesa, sem razão nenhuma além do prazer de não enxergar a carta que te toca.

Patrícia grita enquanto Leandro compra a rainha e atira incontáveis fileiras de cartas sobre a grama verde, apanhando as moedas sobre o formigueiro e enfiando-as, faceiro, nos bolsos de sua calça militar falsificada. E enquanto ouves distraído a voz dela que te chama de bobo, anta, estúpido e abobalhado, acompanhas com os olhos o caminho que leva de volta à rua e percebes que Leandro encontra um rapaz pálido e careca, entregando a ele as moedas que consegue catar dos bolsos. E só então compreenderás que um toque na rainha de copas teria sido suficiente pra que o rapaz desembainhasse o canivete e perfurasse o corpo do outro através dos bolsos vazios da calça militar, fazendo com que a dívida se quitasse de outro modo e a sombra se instaurasse sem volta sobre o dia. Pensas em explicar isso a Patrícia, mas sabes que ela não compreenderia, e então decides ficar quieto e beijá-la enquanto agradeces em silêncio à garota do pôster, que sorri pra ti por trás do rosto que se aproxima do teu. E sabendo disso ou não (afinal o que sabes tu do que sabem os outros?), Patrícia aceitará o teu toque e te arranhará as costas, e o jogo assim continuará num lento rolar do gramado ao abrigo que se estenderá até o anoitecer. E alguém que olhe de fora talvez diga tolamente que te arriskas, que aquilo mata, ignorando que tudo o que mata

em algum momento se tornará salvador, e que tudo o que não mata não chega a importar.

E lá pelas tantas te cansarás do jogo, levantarás da grama com o sol já posto e com um beijo exultante que só quem vira as costas é capaz de dar seguirás teu rumo, buscando o abrigo da ponte antes que anoiteça por completo. As incontáveis luzes da cidade já estarão acesas, os faróis dos carros ofuscarão os olhares e ninguém te enxergará, como ontem, como no mês passado, como sempre. E sem te importares sequer um segundo com isso seguirás inocente pela calçada, tocando de leve o meio-fio com passos de acrobata, pintando os muros e deixando o mundo rolar entre os dedos como um par de bolinhas de malabarista. E durante todo o caminho até o viaduto estarás em paz, sem que ninguém durante esse tempo todo perceba que és o epicentro, e que todos eles giram em torno de ti feito moscas, moscas, moscas.



Câmara escura

Foi depois de três dias de intensa chuva num final de verão que as lesmas começaram a aparecer. Desde o início Paulo perguntou-se de onde poderiam ter vindo, pois supunha que a câmara escura deveria estar além de qualquer possibilidade de contaminação. Talvez não fosse o ambiente mais estéril do hospital, era bem verdade: tinha ouvido histórias sobre o bloco cirúrgico e sabia que nele nenhum dos funcionários era autorizado a entrar sem ter se banhado no mínimo três vezes em álcool iodado. Nada disso abalava, todavia, sua convicção de que a câmara devesse também ser um lugar limpo, ou pelo menos era o que pensava ao lembrar que, quando entrara para o quadro de funcionários, a comissão de gestão de pessoas tinha assegurado-lhe que a revelação de radiografias estava entre as tarefas mais importantes e delicadas do hospital. Era verdade que desde então as pessoas da tal comissão pouco lhe haviam dirigido a palavra, mas isso era de se esperar: afinal, não era fácil conversar com alguém que passava seus dias encerrado na câmara escura.

Era bem verdade também que o ambiente dentro da câmara andava em franca decadência, a tinta preta das paredes descascando, a luz vermelha com o brilho cada

vez mais fraco, o cheiro dos reagentes químicos que não saía nunca do ar. Paulo reclamara repetidas vezes nos primeiros anos para os gentis assessores de qualidade que o hospital mandava a cada seis meses para avaliarem suas condições de trabalho, mas as reclamações jamais tinham surtido efeito. O técnico em radiologia Almir certa vez sugerira que ele processasse o hospital por “insalubridade”, mas como Paulo não tinha certeza de como proceder num caso desses, ou mesmo do que significasse aquela palavra, além de algo que poderia fazê-lo perder o emprego, não levou a idéia adiante. Acabou por conformar-se: com o tempo foi se acostumando com a lugubridade do ambiente e pouco a pouco foi mesmo começando a gostar dele, até chegar ao ponto de sentir falta do cheiro dos reagentes quando tirava férias. A pureza do ar de casa já era suficiente para torná-lo um pouco inquieto, mas se ia à praia a situação era ainda pior: o ar fresco lhe dava tonturas e a única solução era, com o máximo de cuidado, surrupiar pequenas quantidades de produtos químicos para levar consigo. Aquilo resolveu o problema da abstinência, mas fez com que sua esposa Dulce rapidamente o taxasse de “louco” e “viciado”. Isso não chegou a incomodá-lo, porém: apenas fez com que ele trabalhasse algumas horas extras a mais por mês a fim de fugir das reclamações da mulher, refugiando-se num ambiente que, apesar da tal insalubridade, começava a lhe parecer mais confortável do que a sala de sua casa.

Tal conforto não impedia que Paulo se sentisse solitário dentro da câmara escura, no entanto, e isso fez com que o dia em que as lesmas apareceram se transformasse em uma ocasião de júbilo. Ficou longo

tempo a contemplá-las naquele dia: eram três delas, quem sabe uma família. Chegou a ensaiar algumas formas de comunicação rudimentar sem muito sucesso, e no final do dia roubou uma bandeja do almoxarifado e encheu-a de água para abrigar os bichos. Não precisava preocupar-se em ser descoberto, pois ninguém além dele aventurava-se a entrar na câmara escura, e o gerente do almoxarifado, que não conseguia contar sequer as cervejas que consumia todos os dias, não daria pela falta da bandeja. No dia seguinte, trouxe folhas de alface.

As lesmas aceitaram a alface de bom grado por alguns dias. Com o tempo, no entanto, Paulo foi descobrindo que o que realmente as atraía eram os reagentes que usava na revelação das radiografias. Não tinha certeza se eram mesmo eles que lhes serviam de alimento, mas em todo caso derramava generosas quantidades sobre a bandeja todos os dias. Coincidência ou não, as lesmas logo começaram a multiplicar-se, e em poucos meses já se contavam em dezenas, amontoando-se no espaço cada vez mais reduzido da bandeja. Paulo chegou a considerar um recipiente maior, mas no fim das contas achou que aquele tipo de convivência devia fazer bem aos bichinhos. Àquela altura já se sentia visivelmente orgulhoso de seu peculiar empreendimento de pecuária, mas não comentou o assunto com ninguém. No dia em que a assessoria de qualidade veio entrevistá-lo, escondeu-as dentro do armário e só tirou-as de lá várias horas depois, ao ter certeza de que ninguém mais iria entrar. Quando constatou que ainda estavam vivas – tinha sido fulminado em plena entrevista pela possibilidade de que o ar poderia ter lhes faltado –, respirou com alívio.

E assim viveram felizes, Paulo e as lesmas, até o dia em que uma delas saltou sobre um filme de raio-x. Ao encontrar o bichinho sobre a chapa já mergulhada no líquido de revelação, Paulo não conseguiu explicar o que poderia ter acontecido. Por mais que gostasse das lesmas, sempre tivera o maior cuidado em mantê-las longe do seu trabalho, no canto oposto da câmara escura, e não conseguia explicar como umas delas poderia ter atravessado o cubículo daquela maneira. Mas era inegável que o fizera, afinal ele tinha acabado de pescá-la com os dedos no reagente que sobrara após a revelação de uma radiografia de abdômen agudo. A princípio sentiu-se feliz por ter resgatado o bichinho, mas logo foi tomado pela preocupação: o filme tinha sido revelado com a lesma sobre ele, e todas as probabilidades eram de que a sombra do animal se tornaria visível no exame e denunciaria a presença dele e de seus companheiros na câmara escura. Durante todo o dia Paulo teve medo, pensando que seria descoberto e que perderia o emprego tão logo alguém soubesse da verdade sobre as lesmas. Chegou a pensar em jogá-las fora, em derramá-las na pia e observá-las sendo tragadas pelo ralo, lavando as mãos logo após, mas não tardou em se dar conta do óbvio: sentia-se apegado demais aos bichos para sacrificá-los. Ao invés disso, assim, simplesmente escondeu a bandeja na última prateleira do armário e esperou, preparando-se para o pior.

Mas nada de mal aconteceria a Paulo naquele dia. Pelo contrário, a comoção que tomou conta de quase todo o hospital durante a tarde passou ao largo da câmara escura, silenciosa como de hábito, e ele só foi tomar conhecimento do que havia se passado quando, já em casa,

sintonizou o noticiário local e assistiu ao vivo as imagens do Dr. Grszek emergindo do bloco cirúrgico com a lesma em mãos, minutos após ter salvado seu paciente, o desembargador Hermínio Reis, de uma obstrução intestinal por tão peculiar organismo. Após isso, os médicos reunidos debateram longamente sobre como tal contaminação poderia ter ocorrido, já que o desembargador negava veementemente ter ingerido quaisquer moluscos nos dias precedentes. Mas nenhum deles lembrou de investigar a câmara escura, e a conexão jamais veio a ser suspeitada. Pior para o desembargador Reis, que passou a ser mal visto e acusado de “hábitos insalubres” após tal episódio, vindo a ser aposentado compulsoriamente três meses depois.

Paulo mal conseguiu dormir naquela noite, raciocinando febrilmente na tentativa de compreender como a lesma poderia ter saído do filme e chegado até o intestino do desembargador. Tinha certeza de que os doutores poderiam explicar o fato se soubessem das lesmas na câmara escura, mas como poderia contar isso a eles sem colocar em risco a vida delas, pra não falar no próprio emprego? Não, melhor era ficar quieto. Na manhã seguinte, assim, chegou à conclusão de que, ainda que não entendesse o que tinha se passado, não tomaria decisões precipitadas, até porque não podia descartar a hipótese de que tudo tivesse sido uma coincidência. Afinal, existiam raios-x e lesmas suficientes no mundo pra que as duas coisas não precisassem necessariamente estar ligadas.

Em todo caso, o fenômeno precisava ser investigado, e Paulo passou a manhã seguinte pensando em uma maneira de fazê-lo, sentado sob a luz vermelha

na cadeira onde costumava ficar a bandeja das lesmas (a qual, por via das dúvidas, vinha mantendo dentro do armário, tendo feito um furo na porta com um canivete de bolso para assegurar aos bichos o direito à respiração). Pensou em tentar replicar o acontecimento usando outra lesma como cobaia, mas pensou que aquilo poderia despertar suspeitas ainda maiores, além de comprometer a vida do pobre bichinho. Assim, revirando os bolsos, encontrou um clipe de papel de aspecto relativamente inócuo, que lhe pareceu um objeto mais adequado para o teste. Elegendo um raio-x de tórax ao acaso, jogou o clipe sobre o filme no momento da revelação, retirando-o do tanque de reagentes logo em seguida. Logo que terminou a leva de radiografias, saiu correndo da câmara escura para procurar o filme revelado. Encontrou a pilha de envelopes de papel pardo contendo os raios-x sobre a mesa da câmara clara e começou a folheá-los, mas logo percebeu que começava a chamar a atenção dos técnicos ali sentados. Nenhum deles chegou a pronunciar-se, mas com medo de despertar suspeitas Paulo achou melhor desistir da empreitada e voltou envergonhado para a câmara escura. Tentou procurar novamente o exame no horário de almoço, quando havia menos gente, mas àquela altura ele já havia se perdido no movimentado serviço de radiologia do hospital.

Durante todo aquele dia, Paulo manteve-se apreensivo. Arrependia-se do que tinha feito, temendo novamente que aquilo pudesse fazê-lo perder o emprego (e justamente agora que tinha que pagar o tratamento dentário do filho menor!). E foi só no final do dia que soube, ao entre ouvir uma conversa da enfermeira Geni

com a auxiliar Irene, que um menino de cinco anos, filho de mãe solteira, coitada, havia morrido na emergência após aspirar um clipe metálico não se sabia bem como. Tal notícia deixou Paulo em estado de choque: nos primeiros momentos ele teve a certeza de ser o responsável pela morte do menino, e esteve a ponto de entregar-se na diretoria do hospital. E só após várias horas de reflexão dentro da câmara escura é que foi aos poucos se convencendo de que aquele não podia ser o caso, que não havia uma explicação lógica para que o clipe tivesse saído do filme e chegado até a garganta da criança. Aos poucos uma certa tranqüilidade lhe sobreveio, e Paulo voltou para casa sem dizer nada a ninguém no final do dia, agradecendo aos céus por ter saído ileso e jurando nunca mais fazer aquilo. Por via das dúvidas, saiu cedo no sábado de manhã dizendo que ia trabalhar e foi visitar o túmulo do menino, mas tal peregrinação já não lhe trouxe nenhuma emoção especial. Na segunda-feira tirou as lesmas do armário, e constatou alegre que tinham ocorrido cinco nascimentos naquele período. Comprou um filé para o jantar no caminho de casa, e no dia seguinte marcou um horário para o filho no dentista.

Pouco a pouco a vida retomava seu curso normal. As gerações de lesmas se sucediam (de acordo com os cálculos de Paulo, já deveria estar nascendo a décima quinta), mas agora todo o processo ocorria numa bandeja cercada por uma rede de arame, construída especialmente para evitar que alguma delas tornasse a escapar. A história do clipe de papel ainda incomodava Paulo de vez em quando, mas com o tempo ela acabou por apagar-se quase completamente de sua memória. Ainda assim, ele passou

a conferir sistematicamente se nenhum objeto estranho tinha se infiltrado no tanque dos reagentes toda vez que colocava um filme. Tal rotina diminuiu um pouco o ritmo das revelações no serviço, chegando a gerar alguns protestos entre os técnicos. Paulo argumentou que era o sistema de revelação que estava mais lento, no entanto, e as críticas passaram a ser direcionadas ao setor de equipamentos do hospital, que nunca as respondeu.

E assim passaram-se três meses de relativa paz e tranqüilidade, exceto pelo fato de que Joélson, o filho menor, passara a chorar durante noites inteiras após o início do tratamento dentário. Mas aquilo pouco afetava Paulo, que sempre chegava em casa cansado e raramente tinha problemas pra dormir (ao contrário de Dulce, que levantava com o primeiro soluço da criança e geralmente passava a noite toda em claro). Suas preocupações só começaram a ressurgir de verdade quando o governo retirou-lhe do salário o adicional de periculosidade, que ele também não sabia o que era, mas que em todo caso lhe fazia uma boa falta. Pelo menos nos primeiros meses conseguiram sustentar-se, no entanto, com a mulher aumentando a frequência das faxinas, e Paulo chegou a pensar que realmente não precisasse da tal periculosidade ou mesmo da outra palavra que o técnico Almir tinha mencionado. Mas o baque viria logo a seguir.

Foi o dentista quem suspeitou que algo não estava certo com Joélson, após ter argumentado repetidas vezes com Dulce, sem muito sucesso, que o tratamento dentário consistia apenas em flúor e obturações, e que não havia razão para que o menino chorasse por noites a fio. E, por mais que a mulher insistisse que a culpa era dele, teimosa

que era, no fim das contas teve de dar o braço a torcer quando o pediatra do posto de saúde confirmou-lhe que o que Joélson tinha na verdade era uma leucemia.

Paulo não sabia bem o que era uma leucemia, mas já tinha ouvido falar que era coisa grave. Perguntando aos vizinhos, a maioria soube lhe dizer apenas que era uma doença que deixava as crianças carecas. Dona Regina, cunhada de sua mulher, contou que o Antônio, filho da sua prima Selma, tinha tido algo parecido uma vez. E o Jorge, dono do armazém, que tinha comprado um carro há pouco tempo, falou que freqüentemente encontrava alguém pedindo dinheiro para a tal leucemia na sinaleira em frente ao hospital. Foi quando resolveu perguntar aos colegas de serviço, no entanto, que ele realmente se assustou. Depois de o ouvirem com ar fúnebre por alguns minutos, os técnicos acabaram levando-o para conversar com o Dr. Otávio, um dos médicos radiologistas, que lhe explicou que Joélson estava com “câncer no sangue”. E então o mundo de Paulo caiu.

Ao chegar em casa naquela noite Paulo contou o que tinha ouvido a Dulce, e ambos olharam-se por um longo tempo, entre lágrimas e soluços, sem saber o que fazer. Depois que a mulher foi dormir, Paulo foi até a sala, pegou três lápis e várias folhas de papel e começou a fazer as contas. Ao final de duas horas, veio a conclusão inevitável: jamais conseguiria pagar o tratamento médico, especialmente agora que tinham lhe tirado o adicional de periculosidade. Não falou nada disso a Dulce, que seguia esperançosa de que conseguiriam contratar o Dr. Volnei, tido como o melhor pediatra do bairro, para cuidar do seu filho. Durante toda a noite pensou muito, sem conseguir

cair no sono nem chegar a uma solução. Levantou da cama no dia seguinte sentindo as pernas pesadas, e foi só pela força do hábito que conseguiu ir até o hospital. Mas como em tantas outras ocasiões difíceis, foi chegando na câmara escura que uma idéia finalmente lhe ocorreu.

Paulo nutriu seu plano febrilmente ao longo daquele dia, raciocinando sem parar sob a luz vermelha, em meio às paredes descascadas e às lesmas. Por algum motivo a câmara escura sempre fazia com que as idéias lhe viessem mais facilmente. Suspeitava que isso tivesse algo a ver com o efeito dos produtos químicos no seu cérebro, mas não podia afirmar com certeza. Em todo caso, no final da tarde estava satisfeito com o plano que tinha montado, e celebrou feliz com as lesmas o sucesso em alcançar uma solução para o problema. Quando saiu de lá, às seis horas da tarde já quase escura, estava decidido.

Naquela noite, quando Dulce foi se deitar, Paulo queixou-se de insônia e permaneceu na sala. Após algum tempo, julgando a mulher já adormecida, entrou em silêncio no quarto e, movendo-se devagar, abriu a gaveta em que guardavam seus objetos de valor. Às apalpadelas, juntou todo o dinheiro, jóias semipreciosas e objetos supostamente feitos de ouro que conseguiu encontrar e, após levá-los para o banheiro, guardou-os todos num saco plástico bem vedado. Levou-os para o trabalho no dia seguinte, escondidos num bolso interno do velho casaco, torcendo para que Dulce nada percebesse. Sofreu ininterruptamente ao longo dos trinta minutos da viagem de ônibus, enxergando um assaltante em potencial em cada novo passageiro. Nada de anormal ocorreu, no entanto, e Paulo acabou chegando à câmara escura quase


meia hora antes do início de seu horário. Divertiu-se folheando os livros da sala dos médicos enquanto esperava o tempo passar, e entrou na câmara escura antes que os radiologistas chegassem, levando consigo um atlas de anatomia. No primeiro horário de lanche chegaria a hora de agir.

Às onze em ponto Paulo saiu da câmara escura queixando-se de dor de barriga. Apontando o local onde julgava estar situado o apêndice, segundo o que conseguia lembrar-se de uma palestra assistida há tempos, conseguiu sem muita insistência que o Vargas, um dos poucos técnicos com quem trocava algumas palavras de vez em quando, pedisse autorização aos médicos para realizar um raio-x de abdômen num funcionário que estava passando mal. Ao ouvir a resposta positiva, Paulo correu para a câmara escura, escondendo o dinheiro junto com a bandeja das lesmas, e passou à sala de exames para ser radiografado. Levou ele mesmo a chapa para a revelação, dispensando a permissão dos técnicos para que repousasse pela meia hora seguinte, e disse que achava melhor que ele a revelasse e a mostrasse diretamente ao radiologista. Ninguém se opôs, até porque era o horário do lanche, e todos pareciam mais preocupados com as suas próprias barrigas do que com a do funcionário da câmara escura.

Tanto melhor para Paulo, que saiu correndo da sala de lanches para revelar o filme. Chegando à câmara escura, trancou a porta, testando-a várias vezes após isso, para só então apanhar o saco plástico repleto de dinheiro e preciosidades no armário. Tirou então o filme do chassi e revelou-o colocando o saquinho cuidadosamente sobre

a região do cólon sigmóide, auxiliado pelo atlas de anatomia que surrupiara da sala dos médicos. Com o trabalho feito, guardou novamente o saco no armário, ao lado das lesmas, e correu para apanhar o exame revelado antes que alguém mais o visse. Voltando à câmara escura, trancou a porta e examinou o filme contra a luz vermelha, constatando orgulhoso que dentro de sua barriga agora havia um novo saco cheio de dinheiro, jóias e ouro.

Foi por volta das onze horas da noite que Paulo começou a sentir a dor no abdômen, um pouco pra baixo e à esquerda do umbigo. A princípio não se importou muito, limitando-se a ir ao banheiro algumas vezes sem conseguir evacuar. À uma da manhã, começou a vomitar. Às três, teve de acordar a mulher para pedir ajuda. Veio a falecer às sete horas no bloco cirúrgico, vítima de uma obstrução intestinal, enquanto os cirurgiões tomavam o segundo banho de álcool antes de entrar nos precintos. Alguém no bloco cirúrgico chegou a mencionar que vira um deles guardando um saco plástico coberto de fezes em um armário do vestiário depois de tudo acabado, e um ou outro funcionário comentou que de fato algo não andava bem com o rapaz da revelação nos últimos dias. Mas ninguém se lembrou disso por muito tempo, e quando o novo funcionário assumiu a câmara escura e encontrou as lesmas no armário, não pensou duas vezes antes de jogá-las na pia e abrir a torneira na potência máxima.



Pequenas aranhas não sabem voar

– Olha as aranhas...

– Que aranhas? – respondeu, achando meio estranho que ela pudesse enxergar aranhas e não só se abster de sair gritando como até achar interessante.

– Aquelas... – apontou. – Pequenas, no teto.

Forçou a vista e então enxergou, não aranhas, é verdade, mas um amontoado de pontinhos flutuantes que dançavam em frente à lâmpada. Se bem que era possível que fossem de fato aranhas, então resolveu concordar, ainda que tivesse suas dúvidas:

– Tá... Enxerguei...

Seguiu-se um silêncio de uns cinco segundos, no qual ele teve medo de que fosse o fim da conversa, ou de que aquilo nem conversa fosse. Mas não era o caso, e ela seguiu:

– Elas ficam penduradas numa teia, mas nem parece. É como se flutuassem no ar, de tão delicados que são os fios...

Ficou em silêncio. Sabia que ela queria chegar a algum lugar:

– E elas batem as patinhas como se batessem asas. E o vento empurra elas e... É quase como se elas voassem. É quase a mesma coisa.

Ainda o silêncio. Ainda ela:

– E acho que elas têm razão. Talvez se a gente construísse uma teia delicada o suficiente a gente também conseguisse voar. Aliás, talvez seja o único jeito.

Mas isso tudo tinha sido há vários dias, e agora ele estava deitado sozinho, e não conseguia mais ver aranha alguma. Tinha que confessar que não fazia a menor idéia do que podia ter acontecido com elas. Talvez tivessem realmente saído voando e ganhado outras terras mais verdes (lembrava vagamente de ter ouvido falar em uma espécie de aranha que podia viajar por quilômetros construindo um balão com a própria teia, ainda que nunca tivesse acreditado muito na história). Talvez a teia tivesse se mostrado delicada demais, e elas tivessem caído sobre a cama (e nesse caso provavelmente já teriam sido esmagadas sob suas costas). Ou talvez ainda tivessem sido devoradas pela caranguejeira que morava na fresta do rodapé, e que ele nunca tinha se dado ao trabalho de matar, até porque ela não lhe causava o menor transtorno agora que não havia ninguém pra gritar quando a enxergasse. Preguiça? Quem sabe, mas não podia negar que sentia um certo respeito pelo bicho. Que em todo caso era mútuo, pois ela também não se aproximava dele, e quando aparecia tudo o que os dois faziam era ficarem se encarando, de longe, como dois velhos conhecidos, quicá rivais. Talvez um dia viesse a conversar com ela, mas não havia chegado a esse estágio de degradação. Ainda.

Parecia-lhe, no entanto, que a despeito do real motivo do desaparecimento, as pequenas aranhas do teto provavelmente já não tinham muito motivo pra estar ali mesmo. Não sabia precisar muito bem quando ou como tinha acontecido, mas o mundo simplesmente não lhe parecia mais um lugar tão adequado pra pequenas aranhas. E se em algum momento tinha de fato concordado com o que ela dissera, e mesmo tentado ele próprio construir pequenas teias pra sair voando pela janela com a próxima brisa, agora tudo aquilo soava distante. Talvez porque àquela altura já lhe parecesse impossível conciliar palavras tão distintas como “delicado” e “vôo”. Tudo bem, podia-se argumentar que teias e plumas e folhas e até pétalas de flores flutuassem com o vento, mas era complicado afirmar que elas realmente voassem. *Aviões* voavam, por outro lado, e não existia nada menos delicado do que um avião. Talvez se tivesse pensado em pássaros conseguisse aceitar um pouco melhor a idéia, mas já chovia há quatro dias, e daquele apartamento esgoelado entre os prédios do centro não se ouvia pássaro algum pra que ele lembrasse da existência deles.

Mas mesmo que tivesse lembrado, ele ainda assim não teria acreditado muito na história das teias, ou pelo menos achava que não. Afinal, o quão longe alguém realmente conseguiria ir com uma teia daquelas? E daria mesmo pra chamar aquele aleatório balançar ao vento de vôo? Afora o fato inegável de que sempre se precisaria de apoio pra decolar e pousar, e que provavelmente nunca se conseguiria voar além das paredes da própria casa. E o pior de tudo eram os outros. Porque num mundo tão cheio de aranhas, cada uma construindo suas próprias teias

infinitamente delicadas, elas não iam acabar se enredando todas, caindo umas por cima das outras, cortando enfim toda e qualquer possibilidade de vôo que não fosse solitário?

Tirou os olhos da lâmpada e olhou pra frente. A caranguejeira estava ali, no centro da parede, e parecia olhar de volta pra ele, desafiando-o. A fazer o quê, ele não sabia dizer, mas aquele corpo peludo, meio gordo (talvez de engolir aquele monte de aranhas delicadas) e cheio de pernas fortes parecia pronto pra pular da parede, pra levantar vôo, pra qualquer coisa. E enquanto isso ele continuava ali, deitado na cama há pelo menos três horas, pra não dizer dias, e de repente se deu conta de que sentia ciúmes do bicho; aliás, quase podia dizer que sentia raiva. E chegou a pensar que sentir raiva fosse de certa forma um passo à frente, talvez o primeiro em um bom tempo. Mas então, olhando de volta pra lâmpada, julgou enxergar novamente o brilho das teias, e deixando um resto de esperança vir à tona se achou meio ridículo por sentir algo tão vulgar como raiva.

Fechou os olhos, pra ver se as teias continuavam ali quando os abrisse. Abriu-os, e a caranguejeira tinha engolido o teto.



Age of Aquarius

– Talvez – disse ele.

– Talvez, talvez, como talvez? Por que raios você sempre tem que dizer que talvez? Por que não pode dizer que sim, ou que não, ou que certamente, ou que de jeito nenhum, ou qualquer outra coisa do gênero? Será que você é incapaz de dizer o que quer?

– Mas...

2.P4BD. Gambito da dama. Ele *sempre* recusava gambitos da dama, até porque sabia que o adversário que tentava aquilo devia esperar que ele fosse um amador e raramente estava preparado pra uma recusa. Nem pensou duas vezes antes de responder com 2.P3R (surpreso, filho da puta?). E tão rápida foi a resposta que quase não chegou a interferir com a outra, e poderia mesmo vangloriar-se de que as implicações de recusar um gambito da dama não transpareciam senão na forma de um sutil gaguejar ao pronunciar aquele “mas...”

– ... eu disse o que eu queria...

– Não disse. Disse que talvez.

– Então.

– Então?

– Então, parece até que você não me conhece? “Talvez” pra mim costuma querer dizer “sim”, ou pelo menos você já deveria ter notado, depois de... ah, sei lá, quem conta os meses é você.

– Três. E quatorze dias. E até parece que eu dou muita bola pra isso mesmo. É só que sabendo a data, e eu sei que você sabe também, afinal não é tão fácil esquecer que se conheceu alguém na noite de natal, fica um tanto banal de calcular, e...

3.C3BD, e o resto da lamúria foi abafado pelo movimento do cavalo no monitor, até que a voz começou a crescer em intensidade a ponto de não poder deixar de ser notada.

– ... então por que “talvez”, que merda?

– Porque... não sei. Não pensei no assunto.

3.C3BR. Melhor jogar rápido, pra poder se concentrar na discussão antes que se perdesse demais nos próprios argumentos.

– Como assim “não sei”? O “talvez” não queria dizer “sim” há meio minuto atrás?

– Sim, mas...

– Mas o quê?

– Por que você precisa acabar com toda incerteza que encontra pela frente? Será que tudo tem que ser assim, tão preto no branco?

Como sempre, a melhor defesa era o ataque. Acusar sempre, nem que fosse só pra desorientar. Já fazia um bom tempo que insistia na estratégia, mas quem se importava, se continuava dando certo?

– Não, nem tudo, claro que não, que bobagem. Mas de vez em quando tem, entende? Como agora, por

exemplo: é uma escolha simples, ou eu saio de casa hoje de noite ou não saio. Não tem lugar pra talvez, por mais que você queira.

4.B5C. Parecia uma boa hora pra usar a variante Cambridge Springs. 4.CD2D, portanto. E, por sinal, ela tinha razão. Talvez fosse melhor voltar pro argumento anterior.

– Tá, tudo bem, então talvez “talvez” quisesse dizer “sim” mesmo.

– Então por que raios você não diz “sim” de uma vez?

– Porque seria enfático demais pra situação. Porque “talvez” é bem mais sincero. Porque quer dizer que “sim”, é verdade, mas quer dizer também que no fundo não importa. É só uma maneira de manifestar indiferença cósmica em relação à questão, entende? Afinal, não é como se a sobrevivência do mundo dependesse de um cinema.

– Por que raios você tem que insistir com esse seu charme blasé, hein? E pior, além de ficar se fazendo você ainda espera que o mundo não só entenda a sua terminologia particular como se responsabilize por decidir as coisas pra você?

– Não. Pelo contrário, eu acho que eu espero muito pouco do mundo.

– Muito bem. Então quer dizer que se o mundo te recusar o cinema hoje tá tudo bem?

– É, talvez seja algo assim.

Aquele último “talvez”, na verdade, não tinha sido bem indiferença cósmica. Pra falar a verdade ele não sabia mesmo o que queria, e não via exatamente por que deveria

saber. Afinal, ela tinha sempre que ligar nas horas mais esdrúxulas? Parecia mesmo que sabia exatamente a hora em que ele começava a encher a banheira, e que cronometrava a ligação pro telefone tocar justamente naquela hora, só pra ele ter que vir correndo pra sala, sem roupa nem nada. Tudo bem, tinha começado o jogo de xadrez depois de atender, mas precisava de alguma coisa pra ocupar a cabeça enquanto falava. E ocupado com seu praguejar silencioso teria mesmo esquecido da conversa e continuado a amaldiçoá-la em segredo indefinidamente se não fosse um

– ... então tá. Boa noite.

– Então... Ei, espera aí, não desliga, não era pra ficar brava. Dá um tempo, não é possível que a gente não consiga se entender.

– Olha, pode até ser, mas nesse caso a gente parece estar avançando rapidamente em direção ao impossível. Se eu fosse você, não duvidaria assim da nossa capacidade de tornar as coisas possíveis.

Droga. Aquele discursinho era tudo o que ele não precisava. E o pior é que o adversário já tinha jogado há horas. Algo como 5.P3R, mas ele não conseguia nem enxergar a jogada direito, quanto mais respondê-la à altura. Agora tinha que sair do imbróglio, e resolveu voltar pro campo metafísico. Com uma pergunta aberta, naturalmente.

– Mas qual é o problema de ser indiferente?

– Não sei, na verdade foi sempre você que alardeou que queria ser diferente.

– Ei, esse joguinho de palavras é golpe baixo. Além do que eu tenho pelo menos uma que outra razão pra pensar que eu sou...

– Diferente? Sem ter opinião formada sobre coisa nenhuma?

– Bem, talvez seja por isso mesmo que eu sou...

– Especial?

– Não, eu...

– “Não”, não, claro que não... Pois sendo ou não sendo certamente é tão pretensioso como todo mundo, ou melhor, como todo mundo uma ova, é bem pior! Ou pelo menos bem pior do que qualquer pessoa que eu já tenha conhecido. E eu que acreditei naquela história de agüentar tudo menos pretensão...

Aaaaaahhhh! Calma, pensou. Precisava respirar fundo. Tinha que prestar atenção, não podia deixar ela tomar conta da discussão. Talvez fosse melhor jogar de uma vez. 5.B2R. E agora de volta ao jogo.

– Tá, tá, tá. Pára tudo. Você está jogando com as minhas palavras pra se ajustar a essa sua posição, mas isso não quer dizer que faça sentido.

– Que palavras? E aliás, qual é o problema se fosse isso, você não passa me jogando as tuas palavras goela abaixo o tempo inteiro quando fala comigo?

– Eu não empurro nada goela abaixo, você pode aceitar o que quiser. Mas quanto a jogar com as palavras, claro que eu jogo, como todo mundo, e...

– Lá vai o cara especial atrás de todo mundo de novo... E você chama isso de sincero, ainda por cima?

– Ei, não é disso que eu estava falando quando falei em sinceridade.

– Ah, então a gente ainda não chegou na hora das sinceridades. E quantos minutos ainda faltam pra chegar lá, trinta e cinco?

6.C3B. O adversário não era ruim, constatou de passagem ao olhar o monitor. É, o nível dos associados estava melhorando, o que não era de se estranhar, considerando-se que certamente devia haver incontáveis eremitas viciados em xadrez descobrindo a rede mundo afora. E isso tudo tinha sido uma consideração rápida, mas não tão rápida a ponto de impedir que ela voltasse ao ataque de uma maneira meio improvável.

– Ou então foi o assunto “sair comigo” que não conseguiu vaga no vagão das sinceridades e teve que viajar com os fumantes?

– O *quê?* – e dessa vez levantou a voz, talvez por insegurança, já que não fazia idéia do que ela queria dizer com aquilo. Ou quem sabe fosse só uma tentativa inconsciente de falar mais alto do que o murmúrio que vinha do banheiro.

– Responde rápido, você viajava na classe não-fumante ou fumante quando entrava num trem na Europa?

– Não. Não-fumante, é óbvio. – E 6.0-0. Roque pra fortalecer a defesa. Jogo burocrático, mas agora era o que dava pra fazer, porque o adversário estava se mostrando melhor do que ele esperava. E a partida já estava se tornando desafio suficiente pra ele, aliás já tinha passado do ponto do divertido há horas e começava a monopolizar sua atenção, fazendo com que ele tivesse que ignorar o barulho da água correndo às suas costas pra manter-se concentrado no fluxo da conversa. Que no momento parecia orientar-se todo na direção ditada por ela, aliás.

– Mas eu pensei que tanto fizesse...

– Que tanto fizesse o *quê?*

– Fumante ou não-fumante, pra alguém indiferente como você.

– Ei, espera aí, mas eu tenho rinite alérgica.

– Ah! Então rinite você pode ter, porque é no nariz.

Mas vontade de ir ao cinema comigo não, porque é no cérebro, na alma, sei lá onde. O seu corpinho pode ter vontades, porque é natural, mas o teu espírito tem que se manter asceta, elevado, superior. Seu cartesiano medíocre! Você não se dá conta que é tudo a mesma coisa?

7.T1B. Filho da puta, devia estar com o seu livrinho de “gambito da dama para iniciantes” no colo. E não fazia nada além do que já tinha sido feito, dito ou escrito e não envolvia criatividade alguma. Por outro lado, era verdade que o xadrez, e a vida, não eram mesmo muito mais do que brincar de aprender e repetir padrões. E pelo menos naquele momento os padrões dos outros estavam dando voltas ao redor do seu próprio e pareciam prestes a engoli-lo inteiro. E ele começava a sentir que algo começava a fazer água, e mesmo que começava a escorrer sob seus pés. É, talvez fosse a hora do golpe baixo. 7.P3B.

– É. Faz algum sentido.

– Então? – e ele podia ouvir um leve tom de triunfo na voz dela.

– Não quer dizer nada.

– Como *não*?

– É só lógica verbal. Você torce como bem entender, se quisesse me convencer do contrário era só mudar um pouco os argumentos que teria feito tanto sentido quanto.

Bom e velho niilismo. Sempre funcionava, ainda que matasse a discussão. Lá pelas tantas se esgotava, até

porque um bom adversário podia enxergá-lo de longe, mas no momento certo servia pra desorientar os mais incautos. E talvez com aquilo ele conseguisse ganhar alguns minutos e acabar com o jogo, ou pelo menos encaminhá-lo. 8.B3D, e o silêncio. E, com a moral inflada, ele não teve de pensar muito pra rebater de primeira com 8.P3TR. Agora era só esperar pra ver.

– Muito engraçado. Assim fica fácil...

– O quê?

– Você discute, discute, discute, o tempo todo, a vida toda, às vezes parece que nasceu só pra fazer isso. E subitamente quando ouve um argumento que te contradiz você recua e vem com essa de que a discussão não serve pra nada.

É, ela tinha captado um pouco da idéia. Mas não parecia totalmente convencida, e além do mais ele já tinha ganhado o tempo e o espaço de que precisava. E podia até se dar ao luxo de ser irônico. Era bom estar por cima, e seco, pensou, enquanto levantava as pernas e sacudia a água dos sapatos.

– Habilidades cultivadas com carinho, fazer o quê? Construir uma argumentação não é algo que se aprende do dia pra noite.

– Cala a boca, faz o favor? Francamente, deixa de ser idiota. Isso pode servir no tribunal de pequenas causas, mas não é o suficiente pra mim. Em todo caso, se você realmente acha que não adianta nada discutir então eu não discuto mais nada, desligo o telefone, deu, pronto. Até porque parece meio claro que você não quer sair comigo mesmo. Aliás, não sei por que eu achei que...

De fato, ela tinha entendido. E aquilo até teria sido uma espécie de vitória pessoal se ele não tivesse olhado pro monitor naquele exato momento. 9.B4T. Merda! Tinha jogado errado, naquele seu entusiasmo maluco de acabar com tudo rápido, e nem se dera conta de que tinha deixado o lado da dama vazar. Não tinha perdido o jogo ainda, era verdade, mas ia ter um puta trabalho pra virar a coisa de novo pro seu lado. E pra isso não restava opção senão voltar atrás e recomençar metodicamente a rotina burocrática de defender-se e esquivar-se. Tudo de novo, 9.PxP.

– Espera aí, baby. Não é bem assim.

– Mas então o que é que é? Me explica, é dúvida, temor, medo, pé atrás? Eu não sou boa o bastante? Não sirvo pra você? O filme que eu escolhi é um saco? Se é isso, a gente pode ver outro. Eu engordei? Emagreci? Minha cara se encheu de sardas durante o verão? Me dá uma *razão*, é tudo que eu quero. Por que eu preciso saber o que é que deu errado, nem que seja só a título de autópsia, eu queria entender o que aconteceu. Mas eu preferia que não fosse uma autópsia, preferia mesmo, sabe? Na verdade me parece ridículo que a gente não ache um jeito, que a gente não consiga fugir desses seus emaranhados mentais, dessas discussões sem fim. Mas é que você não faz o menor esforço pra isso acontecer. Como se por algum motivo você não quisesse, ou não conseguisse sair desse seu mundinho lógico e medíocre. Chega a ser meio patológico, até, sabe? Sério, você já pensou em se tratar? Porque você não tem motivo pra agir assim, não parece estar ganhando nada desse jeito. Não que eu queira me meter em quem você é, afinal talvez

esse amontoado de lógica seja alguma coisa importante na sua constituição como pessoa. Mas é que ele só faz com que você seja um idiota da pior espécie. E eu só acho que...

O aquário. Ah, o aquário. Não que tivesse porque estar olhando, mas não conseguia impedir que a pequena redoma invertida de vidro lhe chamasse a atenção. Até porque não havia nada naquele quarto que destoasse tanto do resto, do quarto, ou dele mesmo, no fim das contas. Tinha sido um presente de Lídia, claro, tinha achado bonitinho na época e resolvido ficar com ele. Mas devia ter se dado conta de que jamais teria paciência pra nada que precisasse de cuidados intensivos. Não que ela não tivesse se esforçado como podia pra compensar tal falta de paciência com visitas no meio da noite pra medir o pH da água, mas no fim das contas o aquário só tinha durado alguns dias a mais do que eles dois: depois da primeira vez que ela foi embora, ele não tinha sequer se dado ao trabalho de alimentar os peixes. Não que não tivesse tempo ou não estivesse em casa; aliás, bem pelo contrário. Mas logo depois que Lídia fora embora ele também tinha começado a gastar quase todo o seu tempo livre jogando xadrez numa tela de computador com adversários anônimos em algum lugar do mundo. Chegara mesmo a ficar cinco dias sem tirar o pijama naquela época, e quando voltara a si (ou ao mundo, já que sempre tinha estado em si, aliás até demais)... Bem, na verdade não sabia se tinha sido naquele ponto ou vários dias antes que os peixes tinham morrido, porque a água já andava verde e opaca há algum tempo. Mas foi só então que ele notou, e apenas porque o quarto começava a cheirar mal. Chegou a ligar

pra Lídia pra tentar convencê-la a levar o aquário de volta, mas não tinha dado certo, o que era bastante previsível: se ela se recusava a cumprimentá-lo, o que ele poderia esperar a respeito de aceitar aquários? Mas, meses depois e tudo acabado, o pedaço de vidro redondo e vazio que sobrara parecia interessante. Não que tivesse um bom motivo pra ficar olhando um aquário vazio e remoendo lembranças, mas não tinha bons motivos pra muita coisa mesmo, e além do mais qualquer distração era melhor do que ficar prestando atenção naquele papo de mulher, ou ficar esperando alguém mover um peão do outro lado do mundo. Ei, talvez ele pudesse até improvisar algo com aquilo, como um abajur pra substituir o que tinha sido comido pelas traças. Ou então...

– Só um pouco.

– O quê?

– Só um pouco.

E dizendo isso atravessou o metro e meio que o separava da estante, agarrando o aquário. Ao voltar ao telefone até chegou a colocar o gancho no ouvido novamente, mas sua mente já estava inteiramente voltada para o problema físico que se materializava à sua frente.

– Que barulho é esse?

– Espera, só vai levar uns segundos, depois disso vai dar pra falar melhor.

E com isso pousou o fone na mesinha, levantou o aquário com as duas mãos e ergueu-o em frente aos olhos, com o orifício voltado para o rosto. Cabia direitinho. E talvez até desse pra tirar depois, mas nisso podia pensar mais tarde. E sem se preocupar com esse detalhe ele pressionou a abertura do aquário contra a face até sentir

sua cabeça escorregar pra dentro, e de um instante pro outro enxergou o mundo diferente. E o teria enxergado ainda mais diferente se não fosse o silvo de voz que insistia em continuar transpondo a distância entre a mesinha e o seu ouvido.

– Alô? Alô?

O telefone. Irritante como sempre. Mas não podia se livrar daquele incômodo, pelo menos não ainda. A questão agora era como conseguir continuar falando com aquilo na cabeça. Mais confortável seria deixar o fone por fora pra diminuir o volume, mas falar através do vidro ia ser complicado. O jeito era mesmo trazer pra dentro, mas por mais que tentasse era quase impossível fazer com que o aparelho atravessasse o ínfimo espaço entre o seu queixo e o aquário. E ainda por cima havia aquela água a molhar-lhe as calças e esfriar-lhe as canelas, pois já não tinha muito espaço pra levantar os pés. Acabou por deixar o telefone meio pra dentro, meio pra fora, com a parte de falar (se é que não havia um nome melhor pra isso) presa entre a boca e o vidro e a de ouvir (idem) escorregando pra fora a ponto dele mal conseguir escutar. E foi só então que conseguiu prestar alguma atenção no que ela dizia, um discurso, aliás, que parecia se arrastar já há algum tempo.

– ...

– O quê?

– Porra, finalmente, que droga. Parece que não me escuta.

– Mas não tá dando pra escutar muito bem mesmo. É que...

– Pois é, eu também não. Por que é que o som tá chegando tão abafado?

– É que... Não sei, baby, não sei. Deve ser coisa da companhia telefônica.

– Coisa de quem?

– Da companhia telefônica, eles estão sempre mexendo em alguma coisa.

– Ah, tá. Bom, mas a questão é que como eu ia dizendo a gente...

E foi só então que ele conseguiu olhar ao seu redor com um pouco mais de calma, e ficou prazerosamente surpreso com o que viu. Depois de muito tempo de monotonia, o quarto parecia um outro lugar, e isso era uma sensação boa. Tudo brilhava, ou talvez simplesmente saísse de foco, devido ao fato um tanto incomum de ter um aquário encaixado na cabeça. Mas o que importava é que parecia brilhar. E todos aqueles objetos distorcidos lhe transpareciam como novos, como se ele pela primeira vez tivesse parado pra olhar suas curvas arredondadas, que aliás nunca tinham estado ali antes. Mesmo a régua que ele sempre mantinha sobre a mesa se afigurava curva, e uma régua curva era de fato um agradável desvio da norma usual. Assim como os jornais que boiavam no canto da sala, ainda que os mais molhados já começassem a afundar. Quem teria reparado neles antes? E o mais prazeroso de tudo talvez fosse o seu próprio reflexo, que ele enxergava enorme e muito de leve, pairando sobre tudo aquilo. Fazia algum sentido, pensou, e teria ficado divagando por horas a respeito se algo não tivesse lhe trazido de volta. E era 10.BxP, ou pelo menos parecia, porque já não enxergava tão bem o monitor. Mas mesmo aquela carnificina lhe parecia divertida naquele mundo de contornos estranhos, e ele respondeu quase sem

pensar com 10.P4CD, ou pelo menos achava que tinha feito aquilo, mas quem se importava com o que realmente viesse a acontecer, o que importava era o que se passava em sua cabeça, ou pelo menos era alguma coisa parecida com isso que achava, porque algo começava a lhe confundir naquela história toda. E talvez fosse o volume do telefone. Que insistia em não morrer, por mais que ele colasse o ouvido contra o vidro.

– ... e eu poderia ficar falando aqui por horas, mas no fundo o que eu acho dessa situação toda é isso, entendeu? Mas voltando ao que importa, já que todo o resto não parece te dizer muita coisa, então quer dizer que não tem chance da gente sair hoje? Que tudo o que a gente disse até agora vai ficar esquecido em algum canto, sem que a gente nem ao menos se dê o trabalho de se encontrar pra tentar juntar os pedaços?

– Não, baby, não é isso. É que shhttckcts shkshrrrrrrr...

Brilhante idéia, essa de fingir um chiado. Aquilo, mais o som abafado do aquário, certamente haveria de soar convincente. E lhe daria um tempo pra jogar. Se bem que agora, olhando a tela, ele se dava conta que a vez era do adversário. Tinha gastado um chiado à toa. Melhor voltar pra conversa.

– O que é que é?

– É que gsshffckgrrrrhhghh...

Espera aí. Dessa vez não tinha sido de propósito. Ou tinha? Constatou perplexo que não sabia responder. Deu uma nova olhada no monitor. O adversário ainda não tinha jogado. Não tinha sido por isso, portanto. Então por que raios?

– Não dá pra entender mais nada. Acho que eu vou ter que ligar de novo.

– Não, não, não vai adiant... sdffffcqqrrhh
vsshsh...

Mas que merda era aquela? Agora tinha certeza de não ter feito barulho algum intencionalmente: na verdade não sabia sequer se era ele quem tinha emitido os chiados, ou se eles haviam simplesmente surgido do nada. Mas tinha a nítida impressão de que aquilo tinha saído de sua boca de alguma forma, o que começava a lhe assustar de fato. Desorientado, olhou pro computador uma terceira vez e viu que o adversário não tinha jogado, mas então olhou pela quarta vez e viu que não só não havia jogada nova como não havia tabuleiro, nem imagem no computador. A tela tinha apagado, e uma fumaça cinza começava a emanar do aparelho, ainda que o aquário não lhe permitisse sentir o cheiro. E ao olhar pra baixo constatou, meio de relance, que a fiação estava completamente submersa, e que as faíscas subiam pelo cabo do transformador. Foi então que se deu conta que alguma coisa estava acontecendo, alguma coisa que ele não conseguia explicar, e na ânsia de querer compreender tentou olhar pra baixo pra ver de onde vinha a água, mas o aquário e o telefone haviam lhe cortado a movimentação do pescoço. O telefone... Ela estava desligando.

– Espera aí, baby, não!

– Mas eu não ouço nada, você não me diz nada, a gente não chega a lugar nenhum, pra que continuar falando?

A cadeira começava a mover-se, afinal as rodinhas não tinham mais nenhuma superfície sólida pra se

apoiarem. E só o cabo do telefone ainda o mantinha meio fixo em algum lugar, mas ele sabia que isso não ia durar muito tempo.

– Não, não é isso, não é o que você tá pensando, deixa eu explicar.

– Ah! Quer dizer que, depois disso tudo, agora você ainda pretende me dar uma explicação?

– Isso, quem sabe...

– Quem sabe?

A água chegava na cintura, e ele experimentava a incômoda sensação de ter os genitais cobertos pela primeira vez, dessa feita ainda um pouco pior do que de hábito. A água nem era tão fria, mas não poder enxergá-la direito fazia com que ela se tornasse algo escuro e vago. E aquela impressão de escuridão incomodava mais do que qualquer outra coisa.

– Não, não, quem sabe não, sim...

– Tudo bem, então, quem sabe. Mas já aviso que você vai ter que ser um bocado convincente pra me fazer mudar de idéia. E é bom que explique tudo meticulosamente desde o começo, porque senão...

– Do começo? Mas é que...

– Do começo ou não? Olha que...

– Tudo bem, do começo... – e ele sabia que estava mentindo, porque a água já chegava em seu peito e começava a fazer cócegas na barba por fazer.

– Do começo, então...

– Mas é que...

– Mas é que...

– Mas é que...

– Mas é que...

– Schhhshsshshshshhjkjkkppkctttctctcshgggg
grrrttssaaaaaaaaaaaaahhhhhh!!!!

(glub... glub...)

(11.B3D, com a tela apagada)

– Talvez – disse ela.

– ...

(...)

Eram por volta de onze horas da noite de uma sexta-feira quando o Sr. Mikha Nieleiyov, escrivão aposentado, após aguardar cinco minutos em frente ao monitor em seu apartamento no Belarus, cansou de esperar pela jogada do adversário e foi até a cozinha comer um sanduíche de esturjão com presunto. Ao abrir a geladeira, maldizia a instabilidade da internet na Europa Oriental como de costume, mas no fundo não estava tão insatisfeito assim: afinal, mesmo que gostasse de xadrez, gostava bem mais de esturjão com presunto. E, depois de sessenta e seis longos anos de vida, já tinha se convencido há muito tempo que aquele jogo não tinha mesmo nada de tão importante assim.



Carrion

Neófito, não há morte...
(Pessoa, *Iniciação*)

Foste, ido, acabado, *gone*? Até tu, então, quem diria? E o pior de tudo, chego e já estás enterrado há dois dias, basta demorar-me um pouco na terra dos lepidópteros pra que quando eu volte a mim já estejas aí no fundo, coberto por mais terra do que juntos conseguiríamos levantar. Mas conta-me, como te sentes? Como carniça, suponho, o que diga-se de passagem não seria grande surpresa. E então, já comesas a ocupar-te contando o tempo? Não te acanhes em admiti-lo, certo grau de ansiedade é normal e saudável. Confesso-te, afinal, que eu mesmo faço os cálculos e tento adivinhar o que deve se passar a essa altura do processo. Pelas contas do guarda-covas que me trouxe até aqui já são cinqüenta e quatro horas, o que significa que os rigores iniciais já se tornam discretos e o corpo deve esboçar ares de uma paz relativa e breve, pelo menos até que a grande mancha verde comece a aparecer ao redor do umbigo. Claro, bem sei que não podes curvar-te para observá-la, mas não te preocupes, não terás dificuldade em sabê-lo quando ela

surgir. É possível inclusive que já percebas os sinais indiretos, que sintas a pressão da mistura gasosa que fermenta em teu estômago. Talvez te cause algum desconforto, mas não te preocupes demais, pois não há de durar: em menos de dois dias os intestinos e as demais vísceras já estarão rompidos de qualquer maneira. Depois disso virá a degradação da pele, instalando-se devagar através de diminutos poros que coalescerão formando grandes e cruentas soluções de continuidade. Mas a essa altura a pressão já terá cessado há muito; afinal, não há dor que resista à dissolução universal da carne em direção ao pó.

O cheiro persistirá, é claro, possivelmente por meses a fio. Mas não há de te incomodar tanto quanto pensas, com o tempo aprende-se a ignorá-lo. Pior do que o cheiro talvez sejam as lembranças; afinal, por mais que o negues, a verdade é que ainda carregas contigo os vícios trazidos do lado de cima. E tenho que te advertir, se é que já não o antevês, que o caminho até te libertares de tal fardo não é desprovido de sofrimento. Mas se tiveres em mente que só o que podes fazer é deixar que tudo caia ao chão com suavidade, talvez a adaptação seja mais fácil do que pensas. Mesmo assim, é claro, pode ser que em algum ponto desesperes, te arrependas de tudo, mas é preciso que confies: todos passam por isso, enfim, e acabam por perdurar muito além do cheiro. Ainda que, se bem conheço o bando de lepidópteros que chamavas de família, é bem provável que a essa altura estejas coberto de flores até o pescoço, talvez com dificuldade pra respirar em meio a tantos cravos e rosas brancas. Eu sei, claro, no fundo preferirias que fossem miosótis, amores-perfeitos,

essas coisas mais ao teu feitio, mas sê razoável: quem em sua sã consciência poderia pensar em amor-perfeito em tais horas?

Se nossas preferências tivessem algum peso do lado de cima, em todo caso, minha humilde sugestão seria uma grande coroa de jasmims que cobrisse o teu abdômen. Estou convicto de que não há melhor opção do que o jasmim para contrapor-se à mancha verde, e às armadas de bactérias que aos poucos tomarão o espaço que te cerca e o que te preenche, deglutindo o ar e o sangue em grandes golfadas de fagocitose, para só depois de muito tempo darem lugar aos artrópodes necrófagos. É claro, melhor ainda que o jasmim seria o nitrato de prata ou a solução de clorexidina, mas ainda resta muito tempo até que os alquimistas e suas soluções farmacêuticas cheguem até onde estás. Por enquanto, contenta-te com a provação, porque na condição em que te encontras não existem concessões a serem feitas ao protocolo. Como, o que dizes? Amor...

Amor. Amor? E isso então é um argumento? Amor. Deves estar passando pelo inferno aí dentro, eu sei. Mas se um sorriso me vem aos lábios quando o digo, não pensa que é ironia ou sadismo; é antes satisfação em conhecer o que está por vir e saber que tudo corre como previsto, privilégio de quem já atravessou vertiginosos rituais de cuja existência ainda não suspeitas. Gostaria que pudesses sentir o mesmo, é claro, mas sei que há um longo caminho pela frente até que a confiança retorne ao carbono que te resta. Enquanto esperas, porém, não te perturbes: dentro em breve, em cinco dias ou um mês – não importa, pois terás que aprender a libertar-te do

garrote da cronologia – o primeiro emissário se aproximará, e então saberás que é chegada a hora. Perguntaste-me certa vez como o reconhecerias, e deves-te lembrar de que ri da tua preocupação, dizendo que não receberias tantas visitas assim a ponto de confundi-lo. Mas tenho que admitir agora que as coisas não são assim tão simples, e que o primeiro contato é por vezes bem mais sutil do que imaginas. Vários camaradas relatam, por exemplo, não terem percebido sinal algum da presença do emissário além de um ronronar suave ou uma sensação de vibração espalhando-se pelo corpo. Por outro lado, também não são incomuns aqueles a quem acorrem anjos ou motociclistas com jaquetas de couro, o que me leva a pensar que no fim das contas não existe maneira de instruir-se de antemão. O que importa é só que tenhas os olhos abertos para enxergar a mensagem quando ela chegar, e que conheças bem a necessidade de segui-la.

Para que isso ocorra, no entanto, é necessário que as núpcias químicas estejam concretizadas, que a amônia já tenha estabelecido reinado sobre teu sangue, que os resquícios de imagem e espelho em teu corpo já tenham sido aniquilados. Pois é somente após o desfiguramento, meu querido, que saberás como prosseguir. E não pense que seguirás pelas vias antes ditas normais; improvável como possa parecer, daqui por diante a dialética agonizará enquanto entras nos domínios da metafísica. Sim, é preciso que saibas, se já não o percebeste, que a partir do ponto em que te encontras não existe movimento, teu ou do tempo, apenas uma intrincada ilusão construída com areia, espelhos e relógios de parede. O que no fim das contas também era verdade em teu estado anterior, exceto

que então não podias percebê-lo. Mas isso são pequenezas filosóficas, às quais terás amplo acesso mais tarde, então não te preocupes por enquanto. Pensa apenas que se o momento propício houver chegado já saberás como seguir, porque esta é a maneira das coisas acontecerem. E enquanto ele não chega, trata de esquecer teus conceitos limitados sobre o mundo, e de reduzir o teu conhecimento prévio a pó, como a tua carne, porque ambos não te trarão senão transtorno de agora em diante. Limita-te a confiar, pois se não interferires com as leis da natureza elas se encarregarão de ti, pelo menos por enquanto. Assim como ocorria com teu corpo vivo, não precisas conhecer as reações vitais para que elas aconteçam: basta apenas que haja carbono e flora bacteriana em quantidades suficientes para que o processo evolua sozinho.

E quando mesmo as leis da natureza mostrarem sinais de esgotamento, teu processo passará quase que imperceptivelmente a ser regido pelas verdadeiras leis. Ninguém as revelará tampouco, mas fragmentos delas se farão claros por necessidade ou acidente: a correspondência sem remetente que chega ao teu endereço com informações que julgavas secretas, o rascunho de um relatório diário sobre tua pessoa encontrado na sarjeta, o ruído incessante dos datilógrafos por trás das paredes do teu escritório. Pra não falar na névoa quase permanente que envolverá tudo ao teu redor, escondendo o horizonte durante a maior parte do tempo, mas deixando eventualmente que se antevejam pequenas partes da grande máquina, ou pedaços das cortinas e cantos escuros do teatro. Mas mesmo quando tais lapsos te levem a pensar que algo está errado e pode ameaçar

teu caminho, tenta não desassossegar. Pensa apenas que o sistema tem ampla capacidade de lidar com os caprichos do acaso, e que mesmo nas situações mais improváveis nada corre fora do esperado. Tudo isso, da mancha verde ao anjo negro, é apenas parte da burocracia necessária, assim como o batismo, o casamento, as rosas no funeral ou o próximo copo de cerveja. Por sinal, não é a curva que te chama ali em frente? Ó, ouve, mas ouve apenas, pois já não podes fazer mais do que isso. Se tanto, podes aprender a deixar de fazê-lo, porque no final das contas será a curva que chegará até onde estás. E quando ela chegar não a temas, porque bem sabes que o universo todo conspira pelo teu destino. E que, uma vez passada a curva, podes esperar confiante, porque hás de me encontrar do outro lado, vestido em vermelho vivo e tons foscos de prateado, esperando com o copo cheio, numa mesa redonda ali perto do balcão.



Lapso

As coisas começaram a ficar estranhas quando ele levantou-se pra pegar um café na máquina e viu o míssil se aproximando como um ponto preto no céu (ainda que precisar o momento em que as coisas começam a ficar estranhas seja geralmente tarefa impossível). Mais estranho do que o resto todo era o interminável espaço de tempo que o ponto demorava pra crescer no céu, mas ele logo se deu conta que devia ser assim mesmo: não era verdade, segundo o que todo mundo dizia, que as coisas começavam a passar mais devagar na hora da morte? E de repente viu que tudo acontecia quase em câmera lenta mesmo, como se uma tela de cinema tivesse absorvido a realidade a partir do momento em que ele cruzara o limiar entre as duas janelas e avistara o ponto que teimava em se aproximar. E não precisou pensar muito pra chegar à conclusão de que não tinha saída, pois o elevador levaria horas pra chegar e ele jamais conseguiria descer os trinta e três lances de escada que o separavam do chão em tempo suficiente. Mas mesmo que não tivesse saída, talvez tivesse ainda o que fazer, e então pensou morro, morro sim, mas não sem montar o filme do meu jeito. Pois no fim das contas aquela história de

ver as cenas da sua vida passando em frente aos olhos não seria apenas isso, a chance de, uma vez na vida, fazer arte ao invés de número, cálculos ou amor mal feito? E se era aquela a hora, tinha mais é que aproveitar que o tempo ia cada vez mais devagar e começar sem créditos nem título em super oito, cena um externa dia a criança ranhenta engatinhando num canto da tela no filme de família mal feito, câmera filmando o chão, lembranças fora de foco, das festas de aniversário vazias à clavícula fraturada caindo do triciclo, depois disso nunca mais andaria de rodinhas, e todos os seus amigos viriam visitá-lo no hospital, nos bons tempos em que a doença curava quase tudo. E num corte rápido já se enxergava calçando as chuteiras que a cegonha trouxera, sem conhecer ainda a frustração de descobrir que só sabia chutar de bico enquanto os outros driblavam com graça, e sem sequer suspeitar do trauma bem maior de ser destituído por um outro bebê ranhento, que o faria passar de anjinho dourado a destruidor dos castelos de areia do mano e das hortênsias da tia Clélia, aliás seria de brigadeiro quente o cheiro que vinha da mesa da secretária? Não, já começava a confundir os fatos, forçou a vista e viu que a sala ao redor seguia igual, que o cheiro vinha do filme e que ainda era só ele, aparentemente, que avistava o míssil crescendo lentamente no horizonte azul inventado pela janela com vista pro mar no trigésimo quarto andar de um prédio do centro. Pensou em avisar alguém, será que eles não enxergam?, mas percebeu que perderia tempo precioso ao fazê-lo, e como de pouco ia adiantar mesmo resolveu que melhor era continuar o filme, mesmo que nunca viesse a ganhar espectadores ou prêmios: se o produtor


celestial tinha lhe dado uma chance de liberdade total na criação ele não a desperdiçaria, nem que os escafandristas tivessem que procurar a caixa preta da sua cabeça no fundo do mar dali a mil anos pra assisti-lo. Mas que o deixassem ordenar os planos como quisesse, brincar com as lentes da câmera e com tropeços de foco que não deviam ser mais do que bebedeira, ou alguma outra coisa que já o entorpecesse àquela altura, e quem sabe contribuísse pra que o tempo demorasse tanto a passar. E ainda assim ele flutuava em angústia e temia que não fosse tempo o bastante, afinal o quanto realmente conseguiria fazer caber em um segundo ou dois? Mais do que aparentaria a um observador casual, talvez; era bem possível que o breve momento em que isso tudo passava pela sua cabeça já tivesse sido suficiente pra que em algum lugar da Nova Zelândia um cachalote branco se chocasse contra um penhasco com um impacto capaz de libertar centenas de litros de sangue e arrastar rebanhos inteiros de ovelhas para o abismo, causando um abalo sísmico que viria a ser sentido da África do Sul à Terra do Fogo, e se um cataclisma tamanho cabia num punhado de segundos o que haveria de ser dito a respeito de uma morte banal no trigésimo quarto andar de um prédio no centro da cidade, por maior que a explosão viesse a ser? E mais tranquilo após pensar nisso voltou mais uma vez sua atenção para o filme, e àquela altura já era ele quem posava de andarilho sobre o abismo à espera de baleias e explosões, galgando grandes pedras envoltas pelo mar na efêmera esperança de que a fuga durasse pra sempre, de costa a costa e de oceano a oceano até que a vida o alcançasse e lhe mostrasse que no fundo o oceano era um só. Lamentava

não ter fugido pra mais longe ainda, devia ter embarcado numa expedição à Antártida ou ao Himalaia, ou talvez ter se tornado terrorista, quem sabe então fosse ele a lançar os mísseis hoje, ou quem sabe ele mesmo fosse o ponto preto a se jogar contra os prédios: ao menos teria tomado os poderes da vida e da morte sobre si, ao invés de observar indefeso o ponto que se aproximava e deixar-se fracassar na impossível tentativa de esticar o tempo pra além daquele escritório. Porque por mais que conseguisse fazer com que o momento durasse, era inegável que o ponto crescia e logo viria a alcançá-lo. Como o cotidiano tinha feito já há muito tempo, e dali em diante quase toda a película seria gasta com o registro da lenta resignação ao já esperado, à passividade de comprar a vida da mesa ao invés de pedir a carta fechada, talvez por pressentir que o monte não duraria muito de qualquer forma. E mesmo aquilo, no entanto, não o tinha tornado mais sólido ou mais importante, nem aos olhos do mundo nem aos seus próprios, bem sabia que depois do impacto do míssil e da morte súbita em meio à conflagração viriam as manchetes dos jornais, a revolta da população, a inconformidade da família, as novas medidas de segurança, os dias se sucedendo e por fim as coisas se acalmariam e com o tempo tudo voltaria a ser exatamente o que era, dali a sete dias ou dois meses ou um ano Laura voltaria a sair no jardim para podar as flores, talvez colhesse rosas amarelas ou brancas ao invés das vermelhas, mas seriam rosas da mesma forma. Quanto à sua mãe, esta sim talvez não resistisse, era bem verdade, mas se ela o acompanhasse rumo ao nada isso também não seria suficiente pra que o mundo sentisse mais do que a agitação

leve de quem observa a pedra cair sobre a água e só acompanha o círculo com os olhos, sem se dispor a tocá-lo. O que talvez fosse a única postura suportável, pois o momento em que ele tinha tocado a água havia sido o último suspiro da vida adivinhada entre um abismo e outro, e o que viria depois não seriam mais do que os espasmos de um corpo já meio morto e sem alma. E foi a partir daí, com uma platéia já reduzida (e deus sabia que a platéia era mais importante do que ele jamais tinha admitido), que ele viu desenrolar-se ante os seus olhos secos o surpreendentemente curto espetáculo de sua vida adulta, com os jovens exigentes do público se retirando das primeiras filas e as ausências se sentindo e acumulando, e agora que começava a sentir o míssil mais perto tinha a impressão de que as memórias fraquejavam e se diluíam na poça suja e rasa do presente, o pequeno mundo ao seu redor lá embaixo, o casamento em crise o emprego de merda a impotência sentida na garganta e a rotina imutável de cumprimentar o ascensorista e a secretária e checar o extrato no final do mês, decidindo entre ações ou fundos de aplicação que não lhe serviriam de nada porque no fim das contas ia morrer dali a alguns segundos mesmo. Mas então lembrou que tinha esquecido de fazer o depósito nos fundos no dia anterior, e envolto em súbita preocupação ao pensar nas conseqüências da falha ele começou a retomar a consciência do mundo à sua volta, provavelmente o último estágio antes do impacto, e se deu conta que estava de volta ao trigésimo quarto andar e que era irônico que estivesse tão alto porque naquele escritório se sentia sempre no fundo de algum subterrâneo, em meio ao barulho irritantemente suave

dos teclados de computador e à voz gentil das atendentes telefônicas. E contemplando os milhares de veículos que se enfileiravam na rua lá fora pensou que quando descesse o trânsito estaria ainda pior, e que ainda tinha que levar o carro no mecânico no dia seguinte, e chamar o encanador pra consertar o vazamento, e que Laura ia querer flores no aniversário, begônias ou cravos, e que tudo isso seria como um único dia nublado e quente que se arrastaria por semanas a fio se não fosse pelo míssil que esticava o tempo na janela e pelo qual ele já era quase grato, porque pelo menos tinha rendido um filme bom o suficiente pra assistir até o fim. Pois começava a sentir que o roteiro se esgotava, que pouco havia pra preencher o tempo e a película que restavam, exceto quem sabe o presente imediato, terminar de servir o café e esperar, e se ao menos a cafeteira funcionasse tudo seria tão melhor, talvez fosse o pouco de paz que ainda podia ter antes do fim, mas o aparelho de merda insistia em emperrar, e como se não bastasse ainda tinha engolido sua moeda, e então com o sangue subindo a cabeça ele bateu bateu bateu e chegou até mesmo a tirar os olhos antes tão fixos no ponto preto no horizonte pra encarar a máquina com um olhar furioso, e continuou batendo até ouvir o tilintar e sentir que o jorro quente atingia o copo plástico em sua mão esquerda, e num suspiro de alívio voltou-se novamente para a janela e viu que o negro balão de gás se afastava, levado por uma corrente de ar interferente. E então, sentindo o copo já cheio, afastou-se da cafeteira, meio impressionado por ter enxergado sua vida toda passar em um ou dois segundos, meio decepcionado por ela ter cabido inteira naquele tempo, mas acima de tudo grato à máquina por

ter funcionado e ansioso por tomar um gole tão logo estivesse sentado novamente em sua mesa. Tinha que consultar um médico, pensou, não era normal que aquele tipo de lapso viesse atrapalhá-lo no meio de um dia de trabalho. Mas por hora, pelo menos, o café já era suficiente pra deixá-lo mais tranqüilo. Deveras mais tranqüilo.



A porta do quarto

Com o avanço da idade, tudo o que ainda consigo manter em minha cabeça são as partidas e as chegadas. Do caminho que jaz entre umas e outras, pouca coisa sobrevive à aridez da minha memória: os países longínquos que algum dia habitaram a minha imaginação permanecem longínquos, e na ausência deles eu me vejo atado apenas a esse quarto, e a todas as vezes que a porta se abriu.

Da primeira vez ainda havia um mundo inteiro a ser descoberto do lado de fora, e eu mal podia conter a minha excitação enquanto que dentro do quarto a mala esperava ansiosa à beira da porta e o orgulho dela cobria-me de beijos, flores e certezas de um retorno idílico que não haveria. Pois da próxima vez que entrasse pela porta já haveria nascido a dor, e à esperança da cama feita e do sorriso nos lábios já se contrapunha o estranhamento. “Minha viagem foi maior do que a tua”, ela disse, e eu aceitei sem saber o que fazia ou o que fazer, com a eloquência e a força esvaídas pelo mundo. E sem renunciar a uma última tentativa de transpor a porta implorei por perdão, mais por inércia do que por esperança, mas no íntimo já sabia que o quarto não era e não seria mais o

mesmo. A partida seguinte foi apenas necessária, do lado de fora a eternidade a esperar que eu atravessasse a porta por completo, com a trouxa de roupas nas costas e uma lágrima nos olhos. E ninguém então imaginaria que o retorno seria sofreguidão pura, uma imensidão de abraços se estendendo da porta ao leito, onde uma nova eternidade me dava as boas vindas.

Com a eternidade veio a segurança: as partidas tornaram-se comuns, automáticas, planejadas, e o bater da porta antes fatídico tornou-se apenas corriqueiro, natural como o esforço de sair em silêncio pra não acordá-la, sempre retribuído com um aceno silencioso entre travesseiros e bocejos. Os retornos tornaram-se igualmente singelos, um abrir de surpresa da porta durante a limpeza da casa, a maquiagem ou a sesta da tarde, os abraços e beijos gratuitos e telegráficos como nos convinha. Até o dia em que o abrir da porta coincidiria com o fechar dos olhos e o colidir dos corpos e os gritos de sim, num breve vislumbre seguido da porta batida sem tranca e do silêncio cúmplice e desorientado a restar no quarto. A próxima abertura seria então relutante, um curto interlúdio pra juntar os pertences antes da saída sem despedidas, já sabendo no fundo que tudo não passava da preparação necessária para o próximo retorno, rodopiante, inevitável e repleto de perdões, beijos trêmulos, juras de amor eterno e promessas de nunca mais.

A partir daí as partidas seriam todas furtivas, noturnas, findas antes do amanhecer num lento escorregar por entre os cobertores, o quarto em silêncio acolhedor e cúmplice da evanescência da noite do outro lado da porta. E depois disso viriam ainda partidas ríspidas,

retornos lânguidos, escapadas súbitas, chegadas pontuais, partidas a contragosto, chegadas de improviso, partidas e chegadas e partidas e a porta a abrir e fechar, sempre a porta, a porta do quarto, o início e o fim de todo o deslocamento. E é para a porta que olho quando esta se abre e deixa que ela entre, doce e majestosa, ela que em sua imensidão aproxima-se da cama em que estou deitado e deixando os pacotes do armazém ao lado da cabeceira me diz oi filho, sentiu minha falta? e eu respondo que não, mãe, foi tudo bem, e sabendo que é mentira olho pra ela como se pedisse perdão pela minha infidelidade. E quando ela se aproxima pra beijar-me eu tiro os olhos da porta e encontro por fim a certeza que procurava, a reconfortante certeza de que jamais saí, de que nunca parti nem cheguei, e de que tudo o que passa por minha cabeça é apenas fruto de uma imaginação angustiada pelo tormento da solidão momentânea, pois tudo o que sempre houve desde o início dos tempos não foram partidas nem chegadas, mas apenas a porta do quarto, e a infelicidade contida de quem não conseguiu sair.



Semidesperto

...eu acordo com a boca seca, ofegante, olho pro lado e te vejo dormir. Não é manhã ainda, e contigo ainda deitado levanto e vou pegar um copo d'água enquanto lateja na minha cabeça um sonho estranho, eu subia uma escada brilhante, como se fosse uma nave espacial, e lembro que alguma coisa havia lá em cima, mas não sei dizer o quê. Entro na cozinha e acendo um cigarro, tinha parado há uma semana mas não devia ter deixado a carteira em cima do balcão, ou talvez tenhas sido tu, mas não importa, só preciso mesmo é do copo d'água, não consigo agüentar o meu hálito nessas horas, e tu na cama ainda, será que dormes mesmo?...

...porque a escada é longa, eu sei que tem algo lá em cima, subo a passos lentos enquanto pessoas estranhas me observam de ambos os lados do corredor. Parece uma sala de cinema, os degraus são iluminados como num multiplex, o ruído de fundo soa como trilha sonora, mas ainda assim eu sei que alguma coisa me espera no final da escada. A expectativa me angustia, de alguma forma percebo que não estás mais do meu lado, sinto a boca secar mas não acordo, e me pergunto onde andarás?...

...o balcão da tua cozinha parece um balcão de bar. Sento nele e espero. Ninguém me serve, desconfio que durmas ainda, então chamo o garçom e peço uma Guinness. Cerveja importada é cara, eu sei que me repreenderias se estivesse por perto, e eu responderia e daí?, estou a fim, e assumindo o meu ar de londrino diria que *acquired tastes* não se perdem tão fácil. Deixo de gorjeta o que sobra no bolso, ensaio um movimento do pescoço e sinto que alguém me olha pelas costas. Viro-me discretamente, passo os olhos pelo lugar, seria quem eu penso, és tu quem me observa de uma mesa solitária num canto do bar, enquanto eu me esforço pra te distinguir através da fumaça?...

...degraus de multiplex, devia contar pro meu analista, mais um indício de que Hollywood é o nosso verdadeiro inconsciente coletivo. Mandalas? Seja lá o que for uma mandala, não pode ser nada que a Lucasfilm não saiba fazer melhor. Mas não, não posso estar pensando essas coisas, afinal ainda durmo, e sonho, e sigo subindo, uma voz me segue de perto e desfia comentários que não ouço mas que provocam risadas no público ao meu redor. Sinto o rubor na face, tenho ânsias de fugir correndo, mas suporto pois sei que me esperas lá em cima, só não entendo bem por que o público, não era um disco voador? Seria bom que fosse, talvez aí a gente pudesse simplesmente ir, pra onde mesmo?...

...o cigarro já passa da metade, tomei dois copos d'água mas não foi o suficiente pra aliviar a sede ou o gosto na garganta. Queria que estivesse acordado também, talvez então pudéssemos falar de carros, economia, teatro ou alguma outra dessas bobagens que

te interessam. Não me importaria, faço bem pouca questão de mim mesmo nessas noites. Tenho a impressão de que saio de casa pra me diluir, pra me esquecer de algo, da sensação angustiante de ser puxado pra algum lugar estranho e subir cada vez mais alto, cada vez mais longe do chão, abduzido por um raio de tração constante, ou nem tanto...

...disco voador algum, chego ao final da escada e é só uma sala de cinema mesmo, sei que me esperas em alguma poltrona no fundo, mas não há sentido em te procurar no escuro, então me acomodo ao lado do projetor e deixo o filme tomar conta da sala enquanto as luzes não se acendem. A princípio parece só uma comédia romântica, mas aos poucos percebo que as imagens são mais antigas do que nós dois, as cores na tela têm um quê de irreal e eu permaneço em silêncio, me esforçando pra fazer parte de uma história que parece já ter começado há tempo demais pra que eu possa compreendê-la. Então me limito a interferir projetando sombras no canto da tela com o braço estendido, elefante, depois águia, cachorro e só, nunca aprendi mais nada. Me sinto comum, isso me frustra, como será que se faz um guaxinim?...

...porque constância é o que me falta, não agüento mais acordar numa casa diferente a cada manhã de sábado mas me sinto frágil demais pra agir de outro modo, pra ficar aqui, deitar no sofá e deixar a tarde chegar sob o teu olhar calado. E queria que alguém botasse a mão no meu ombro pra me dizer a mesma coisa, queria que levantasses do canto onde te escondes e te colocasses entre mim e o disco voador, impedindo o raio de tração de chegar até mim, ou que me abraçasses e fosses tragado comigo pra

qualquer canto, não importa qual. Queria que estivesses aqui do meu lado, mas não tenho coragem de te acordar, e tu não vens, por quê?...

...o filme termina, as luzes se acendem, os corpos levantam aos poucos. Fico olhando os créditos por um tempo, sempre sonhei encontrar alguém que também assistisse os créditos até o fim. E então me lembro de ti e te busco entre as poucas cabeças presentes na última sessão, mas não te vejo em lugar algum, estarias sentado ainda? Olho de fila em fila e nada, sinto o desespero tomando forma devagar e ameaçando apoderar-se de mim. E se eu estive assistindo ao filme errado? E se te levantaste mais cedo e foste embora? E se me evitas, se não queres me encontrar? E se, e se, e se?...

...penso em voltar pro quarto mas a dúvida me ataca. E se não estiveres mais lá? E se tiveres saído enquanto me levantei, e se nunca mais quiseses ver-me, e se já errares por uma rua deserta às cinco da madrugada? Bobagem, diz minha consciência, sei que moras aqui, que o estrangeiro nessa casa sou eu, perdido, ainda mais indefeso agora do que quando me arrastaste pra cá ontem à noite. Mas sabes que eu continuarei aqui esperando, enquanto tu podes ir e voltar como te apetecer. Então aproveita e vai embora, some, foge. Vai embora, ou vou embora eu, afinal de que me adianta estar aqui se não posso nem ao menos saber se estarás no quarto quando eu voltar?...

...eu acordo com a boca seca, ofegante, olho pro lado e não estás ali. Começa a amanhecer, e com medo de que já tenhas ido embora saio a te procurar pela casa, se não te encontrar talvez pelo menos me reste um copo

d'água. Persiste na minha cabeça a lembrança de um sonho estranho, eu subia uma escada cheia de luzes e assistia a um filme ainda mais estranho, enxergando pedaços da minha vida em cinemascope. Sinto vontade de fumar, a carteira deve estar sobre o balcão como sempre, e perdido em devaneio quase chego a te esquecer, até que entro na cozinha e me assusto ao me deparar com o teu corpo quase nu...

Oi.

E aí?

Acordei e não te vi. Pensei que tu tivesse ido embora.

Não, não, só me deu sede. Vim tomar um copo d'água. E roubei um cigarro teu, se tu não te importa.

Capaz. Achei que tu tivesse parado.

Eu também.

Não tem problema. Daqui a pouco a gente sai pra correr e acerta as contas com os nossos pulmões. Dá até pra ir até a tua casa.

E o meu carro?

Esquece, eu levo depois. Tava morrendo de vontade de dirigir um daqueles de qualquer jeito.

Sabe que eu tive um sonho?

Fala.

Eu subia uma escada grande, cheia de luzes nos degraus. Dava medo, parecia que tinha gente em volta, e eu era arrastado pra cima, como se fosse uma espécie de nave espacial, ou...

Que nada. Era só uma sala de cinema.

Como assim?

A escada com os degraus iluminados e gente em volta. É só uma sala de cinema dessas modernas, com algum filme americano besta passando na tela. Não te preocupa.

Como é que tu...

Pressentimento.

Que bom.

Que bom.

Este livro foi editorado em fonte Century Oldst BT, corpo 11.
A capa foi impressa em papel Supremo 250g/m² e o miolo em papel
Offset 75g/m² pela Nova Prova para o Instituto Estadual do Livro.

Atribuição-Uso Não-Comercial- Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil



Você pode:

- copiar, distribuir e exibir este livro.
- criar obras derivadas com base nele.

Sob as seguintes condições:

- **Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original.
- **Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- **Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.
- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que você obtenha permissão do autor.
- Qualquer direito de uso legítimo (ou “fair use”) concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

Este é um sumário para leigos da [Licença Jurídica](#) disponível no site do Creative Commons.